



/ FAZER PAISAGEM *Making Landscape*

arquitectura paisagista / 11

OUTUBRO OCTOBER 2015 / EDIÇÃO ONLINE

- 03 —** **Direção da APAP**
[Miguel Braula Reis](#)
- 05 —** **Editorial AP**
[Rosário Salema](#)
- 06 —** **ESSÊNCIA E ESTRUTURA I: A CULTURA MATERIAL DA ARQUITECTURA PAISAGISTA**
Substance and Structure I: The Material Culture of Landscape Architecture
[Jane Hutton](#)
- 13 —** **DO TOPUS E DO LOCUS**
Of the Topus and the Locus
[Aurora Carapinha](#)
- 16 —** **TODOS SOMOS POUCOS**
All of us are too few
[José Veludo](#)
- 20 —** **A ÁGUA — ACTOR E SISTEMA NA RE-INVENÇÃO DA PAISAGEM**
Water — Actor and system for the re-invention of landscape
[Teresa Alfaiate](#)
- 25 —** **TOPOGRAFIA**
Topography
[João Nunes](#)
- 27 —** **"A PAISAGEM É A CARA HUMANA QUE A NATUREZA NOS REENVIA"**
"The landscape is the human face nature reflects back to us"
[Leonor Cheis](#)
- 32 —** **PAISAGEM RESGATADA**
Recovered landscape de
[Rita Catarino + Paulo Palma](#)
[Catarina Raposo](#)
- 36 —** **A PAISAGEM TEM INSCRITA AS HISTÓRIAS DOS HOMENS**
The history of men is inscribed in the landscape
[Sociedade Exploratória para a Interpretação da Paisagem](#)
- 40 —** **BIOGRAFIAS**
Biographies

Direção e edição
Rosário Salema

Corpo Editorial
Carlos Ribas (colaboração)
Catarina Raposo
Rosário Salema
Victor Beiramar Diniz

Colaboraram neste número
Aurora Carapinha
Catarina Raposo
Jane Hutton
João Nunes
José Veludo
Leonor Cheis
Miguel Braula Reis
Paulo Palma
Rita Catarino
Rosário Salema
Sociedade Exploratória
para a Interpretação
da Paisagem
Teresa Alfaiate

Produção
Maria Freire

Paginação
Alexandra X.
Texto da Revista: lettering FLAMA
(Feliciano Type Foundry)

Capa
© New York City Parks
Photo Archive — artigo de
Jane Hutton (pág. 4)

Um agradecimento especial a Jane Hutton
que nos autorizou a utilizar a sua bonita
fotografia na nossa capa / *A special thank you
to Jane Hutton who graciously allowed us to
use her beautiful photo for our cover*

Tradução
Simão Cayatte

Retroversão
Carlos Ribas — artigo de
Jane Hutton (pág. 4)

Edição online
Os textos são escritos de acordo com a opção
ortográfica de cada um dos autores



Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas

Calçada Marquês de Abrantes, nº 45 - 1º Dto. 1200-718 / Tel. 213 950 025
apap@apap.pt / www.apap.pt

Miguel Braula Reis

PRESIDENTE DA APAP
APAP PRESIDENT

“Arquétipos da Paisagem – Lições para o Futuro” foi o tema da recente Conferência Europeia que a APAP organizou no âmbito da Assembleia Geral da IFLA-Europa, realizada em Lisboa.

Diversos especialistas/colegas nacionais e europeus debateram a “Paisagem”, trazendo exemplos reais (e actuais) de trechos de território “históricos”, que persistem em funcionar e ensinar.

No nosso país, o Montado, a Lezíria, os socacos do Douro, a frente ribeirinha de Lisboa e/ou a urbe do Porto, foram analisados e apresentados como paradigmas de paisagens que – contendo e reflectindo o trabalho de muitos séculos – recusam-se a ser apenas espaços museológicos de visita e mera curiosidade turística. Bem pelo contrário, estão vivos, belos e ao serviço das suas populações.

Nas recomendações desta conferência, cabe destacar a seguinte frase:

“As paisagens em que vivemos são interpretações sociais e culturais da natureza. Representam o arquivo vivo de desenvolvimento tecnológico e social da humanidade na sua luta para se adaptar às condições naturais. Como tal a resiliência da Paisagem é crucial para a sobrevivência das pessoas e irá fornecer respostas para as necessidades socioeconómicas, bem como para as questões ecológicas. Enquanto sociedade, estamos a ser confrontados com a realidade da mudança constante e com a necessidade de um estilo de vida sustentável, mantendo a qualidade de vida para todos os habitantes”.

Vêem estas palavras a propósito do tema desta Revista – “Fazer Paisagem” – pois no tempo e no espaço estamos a falar da “mesma coisa”, de como é importante conservar, mas também interpretar, viver e “projectar” os ensinamentos dessas paisagens em novos modelos territoriais.

“Landscape Archetypes – Lessons for the Future” was the topic for the European Conference recently organized by APAP for the IFLA-Europe General Assembly held in Lisbon.

Specialists and peers from diverse backgrounds debated the issue of “Landscape”, discussing concrete (and current) examples of “historic” territorial areas that continue to operate and offer new insights to this day.

The mountains and plains of our country, Douro's terraces, Lisbon's riverfront and Porto's urban sprawl were all analysed, presented as landscape paradigms that, despite showcasing the works of many centuries, reject being classified as mere touristic attractions and museum spaces. They are, on the contrary, alive, beautiful, and actively serving their populations.

The following excerpt from the conference's recommendations should be noted:

“The landscapes in which we live are social and cultural interpretations of nature. They are the living archive of humanity's social and technological development in its struggle to adapt to natural conditions. As such, the Landscape's resilience is crucial to survival, offering solutions for socio-economic needs as well as ecological issues. As a society, we're confronted with the reality of constant change and the need for a sustainable lifestyle, with quality of life for all members.”

These words are fitting, considering the subject of this magazine — “Making Landscape” — since the same temporal and spatial issues are being discussed: the importance of preservation and also interpretation, embodying and applying the teachings from these landscapes to new territorial models.

There is a foundation common to both cases: the belief that humanized, liveable landscapes should result from mankind's respectful interaction with nature (its soil, climate, water, fauna, and flora), so that it too may respect us during the critical times we sadly see happening on a cyclical basis.

Landscapes are a reflection of mankind's time, place, obscure nature, climate, communities, culture, techniques, needs, and transformation it creates.

As was also mentioned during the conference, “a beautiful Landscape is a right one”. To accomplish this, specialized professionals (even if only in so-called “generalities”) need to be trained, prepared, and established. These Landscape Architects are the only ones with the technical, scientific, and artistic preparation to understand and integrate so many variables (natural and cultural) within the land, providing solutions for concrete problems facing communities.

In this field, APAP — through almost continuous labor over 40 years — has and always will be at the forefront of the creation and defense of our spaces, whether it is the land or the professional society surrounding and pressuring us.

Landscape is made also by learning from Archetypes.

Em ambos os casos a base é comum: as paisagens humanizadas em que vivemos devem resultar duma interacção da natureza (solo, clima, água, fauna e flora) com o Homem, que a deve respeitar...até para ser respeitado por "ela" nas alturas críticas, que todos cíclica e infelizmente conhecemos.

Reflectem o tempo, o lugar, o oculto, o clima, as comunidades, a cultura, as técnicas e as necessidades e transformações operadas pelo homem.

Como também foi referido na conferência, "a Paisagem bela é aquela que está certa". Para tal, é necessário a formação, a preparação e a afirmação de profissionais especializados (nem que seja nas tais "generalidades") que são os Arquitectos-Paisagistas, os únicos com preparação

técnica, científica e principalmente artística, para compreender e integrar tantas variáveis (naturais e culturais) sobre o território, resolvendo problemas concretos às comunidades.

Nesse campo, a APAP – através de um trabalho contínuo de quase 40 anos – esteve e estará sempre na primeira linha da criação e defesa do espaço de intervenção que nos pertence, quer no território, quer na sociedade profissional que nos rodeia e pressiona.

**Faz-se Paisagem,
aprendendo também com
os Arquétipos.**



Rosário Salema

DIREÇÃO DA REVISTA AP
AP MAGAZINE DIRECTOR

O tema da Revista AP - **Fazer Paisagem** - centra-se no exercício da arquitetura paisagista como área profissional. A escolha do tema surge na sequência das recentes alterações à legislação que regulam o exercício da prática profissional e criam uma “nebulosa” relativamente à preparação técnica e científica das áreas disciplinares que trabalham a paisagem.

O objetivo é promover uma discussão sobre o Projeto de Paisagem e dar a conhecer, também ao público em geral, os processos que envolvem a construção/ transformação da paisagem e toda a herança do tempo acumulado – pré-existências - que, naturalmente, informam as intervenções desde o início do projeto.

Os textos que se seguem abordam os diversos sistemas que integram o projeto de arquitetura paisagista: topografia, geologia, solo, água, vegetação e fauna, nos quais se incluem, ainda, os modos de habitar ou experienciar cada lugar, cada paisagem. Da diversidade de processos abordados emerge uma linha comum que se alicerça na procura de soluções onde se integrem e potencializem as circunstâncias do lugar no domínio biofísico e cultural: uma estratégia bipolar que abarca a memória da paisagem, *per se*, e a memória dos habitantes dessa paisagem.

AP Magazine's theme — **Making Landscape** — is focused on landscape architecture as a profession. The choice of theme stems from a series of recent changes to legislation regulating the activity, bringing a haze of uncertainty as to the technical and scientific adequacy of the disciplines that deal with landscape.

Our objective is to promote discussion regarding Landscape projects, introducing — to the general public as well — the processes surrounding the construction and transformation of landscape, and its legacy built over time, a pre-existence that naturally affects all work from the beginning of the project onwards.

The following texts discuss the diverse systems that comprise landscape architecture projects: topography, geology, soil, water, vegetation and fauna, as well as the various ways to inhabit or experience each place, each landscape. A common thread weaves these diverse processes together, rooted in the search for solutions that activate and integrate the biophysical and cultural circumstances of a location: a bipolar strategy that deals with the memory of landscape, *per se*, and the memory of that landscape's inhabitants.

The Nature of a place is the central consideration and subject of the act of Making Landscape, its intended goal an endless process of humanizing territory that is nothing more than a commitment to the place, with its community and culture: Common Good. Landscape projects must always strive to balance natural and cultural systems, and, in doing so, only part of the whole is visible, belying the vast diversity of the technical solutions and natural processes that sustain such a balance.

Making Landscape is a process, built over time, that leads to a continued relationship between culture and landscape.

All landscape is under constant transformation, and to act on it is only a “moment”, a compromise between past and future.

A *Natureza do lugar* é a matéria de reflexão e de trabalho de Fazer Paisagem, cujo fim, se destina, a um eterno processo de humanização do território que mais não é do que um compromisso com o lugar, com a comunidade e com a sua cultura: o Bem Comum. No projeto de Paisagem urge, sempre, garantir um equilíbrio entre os sistemas naturais e culturais e, neste processo, o visível é apenas uma parte do todo e o oculto uma enorme diversidade de soluções técnicas e de processos naturais que sustentam esse equilíbrio.

Fazer Paisagem é um processo de acumulação do tempo e dos tempos que traduzem a relação continuada entre cultura e natureza.

Toda a paisagem é uma transformação constante e agir sobre ela é apenas um “momento”, um compromisso com o passado e o futuro.

Essência e Estrutura I: A Cultura Material da Arquitetura Paisagista

Substance and Structure I: The Material Culture of Landscape Architecture

Jane Hutton



Guardas-florestais podando árvores, East Drive, Central Park, 1934. Todas as fotografias © New York City Parks Photo Archive

Foresters trimming trees, East Drive, Central Park, 1934. All photos © New York City Parks Photo Archive

/6

Na sua obra de 1995, *Studies in Tectonic Structure*, Kenneth Frampton examina a dialética entre forma e os processos e materiais associados à sua realização.¹ Este texto de Frampton propõe uma leitura tectônica do desenho – enquanto tipo de resistência à imagem comum da arquitetura. A insistência do autor na análise da relação entre o edifício e o chão e o modo como as coisas *são* construídas é particularmente pertinente na análise dos processos e materiais a partir dos quais as paisagens são construídas. Em contraste com os tipos de estruturas que Frampton estuda, a arquitetura paisagista, com as suas técnicas de modelação do terreno, envolve, intrinsecamente, materiais vivos - e acima de tudo, as semelhanças visuais e materiais entre paisagens desenhadas e paisagens não intervencionadas - dispensam análises nestes termos.

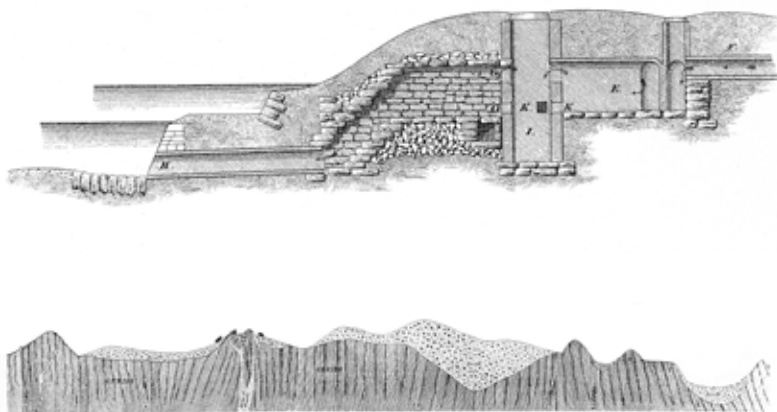
In his 1995 volume, *Studies in Tectonic Culture*, Kenneth Frampton examines the dialectic between form and the processes and materials associated with its making.¹ Frampton's text posits a tectonic reading of design—or the study of the expressive potential of constructional technique—as a type of resistance to architecture's commodified image. His insistence on the relationship between building and ground and how things are built is particularly germane to examining the unique methods and materials through which landscapes are made. In contrast to the types of structures that Frampton studies, landscape architecture, with its earth-based techniques of land forming, intrinsically enmeshed living materials—and above all the visual and material likenesses between designed and found landscapes—evades analysis in these terms.

While the definition of tectonics assumed in Frampton's text refers to the human act of building or joining, traced to the Greek *tektonikós*, a second definition, popularized in the 1960s with the development of plate tectonic theory, describes the structure of the earth's surface in relation to the large-scale, long-durational processes that form it. The latter credits the productive forces of the earth with the distribution and deformation of geogenic materials at multiple scales.² This second definition affords a consideration of a fundamental aspect of the material culture of landscape architecture: While shaped with design intention, landscapes are pre-conditioned, tempered, and altered by on-going

¹ *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*, ed. John Cava (Cambridge, MA: MIT Press, 1995). Para uma discussão de 'tectónica' enquanto lente através da qual se analisa a construção da paisagem ver Kirkwood, Niall. For a discussion of tectonics as a lens through which to examine landscape construction, see Kirkwood, Niall. *The Art of Landscape Detail: Fundamentals, Practices, and Case Studies* (New York: Wiley, 1999), 111.

Enquanto que a definição de tectónica assumida no texto de Frampton faz referência ao acto humano de construir ou de juntar, do grego *tektonikós*, uma segunda definição, popularizada nos anos 60 do século XX, com o desenvolvimento da teoria da tectónica de placas, descreve a estrutura da superfície da Terra na sua relação com os processos de larga escala e longa duração, que a formaram. Nesta segunda definição é atribuída às forças produtivas da Terra a distribuição e deformação dos materiais geogénicos, a múltiplas escalas.² Aqui é levado em consideração um aspecto fundamental da cultura material da Arquitectura paisagista: as paisagens, mesmo quando são sujeitas a um desenho de projeto, são sempre pré-condicionadas, moderadas e alteradas por acções que decorrem fora do controle humano. A semelhança entre as paisagens desenhadas com as forças e os agentes do mundo geológico e biológico resulta de relações não-lineares entre a estrutura e a forma expressiva da paisagem, convidando a uma revisão do conceito de tectónica de Frampton no que refere à disciplina de Arquitectura paisagista.

Um século e meio de planeamento, construção e observação, meticulosamente documentados, do Central Park de Nova Iorque, serve como um caso exemplar para examinar os processos de construção, uso e manutenção da paisagem. Frederick Law Olmsted e Calvert Vaux descrevem, num relatório de 1858, a sequência adequada de um processo de construção: primeiro – a grande modelação do terreno e sistemas de drenagem; segundo – o melhoramento de solos; terceiro – os arruamentos e caminhos pedonais; quarto – a plantação de árvores e arbustos; e quinto – os edifícios, muros e portões.³ Seguindo esta sequência de construção, este texto propõe cinco aspectos decisivos na definição de uma tectónica para a Arquitectura paisagista: o papel de forças não-humanas na feitura da forma, a ilegibilidade do terreno, a coalescência de materiais existentes e introduzidos, a dinâmica dos materiais vivos e, finalmente, os contínuos inputs energéticos dos regimes de manutenção.



Tectónica Geológica

"Situando-se na interface entre cultura e natureza, o acto de construir diz respeito tanto ao terreno como à forma construída. (...) ao topos como à técnica." Com estas declarações conclusivas, Frampton enfatiza a arquitectura como a "construção do sítio" mais do que a realização de objectos autónomos.⁴ No entanto, esta noção de sítio/lugar pode ser entendida como atemporal e como um dado adquirido. As paisagens desenhadas, tal como o Central Park, são, em

action outside of human control. The contiguity of designed landscapes with the forces and actants of the geological and biological world produce non-linear relationships between landscape structure and expressive form, calling for a revision of Frampton's concept of the tectonic for the discipline of landscape architecture.

A century and a half of meticulously documented planning, construction, and observation of New York's Central Park serves as an exemplary, long-term case for examining the processes of landscape building, use, and maintenance. Frederick Law Olmsted and Calvert Vaux dictate the proper sequence of building in an 1858 report: First—heavy grading and drainage systems; second—soil deepening and enrichment; third—roads and walks; fourth—tree and shrub planting; and fifth—buildings, walls, and gates.³ Following this construction sequence, this paper proposes five aspects integral to defining a tectonics for landscape architecture: the role of non-human forces in the making of form, the illegibility of the ground, the coalescence of extant and introduced materials, the dynamics of living materials, and finally the on-going energetic inputs of maintenance regimes.

Geological Tectonic

"Situating at the interface of culture and nature, building is as much about the ground as it is about built form. ...[It] is as much about the topos as it is about technique." With these concluding statements, Frampton emphasizes architecture as the "building the site" over the making of autonomous objects.⁴ This notion of site, however, can

Central Park - corte do colector de drenagem, câmaras de decantação e filtro, lado poente do lago, 1861.

Central Park drainage section, depositing chambers and filter, west side of lake, 1861.

Corte do Central Park entre a 5.ª e a 8.ª Avenidas, 1857
Section of Central Park from 5th to 8th Avenues, 1857.

be understood as given and atemporal. Designed landscapes such as Central Park, in contrast, are inextricable from their geological substrate—and the definitively temporal episodes associated with their making. The first annual report of Central Park published in 1857, begins with Egbert Viele's exhaustive description of the site's existing topographic and geological conditions.⁵ The illustrative section of the park site between 5th and 8th

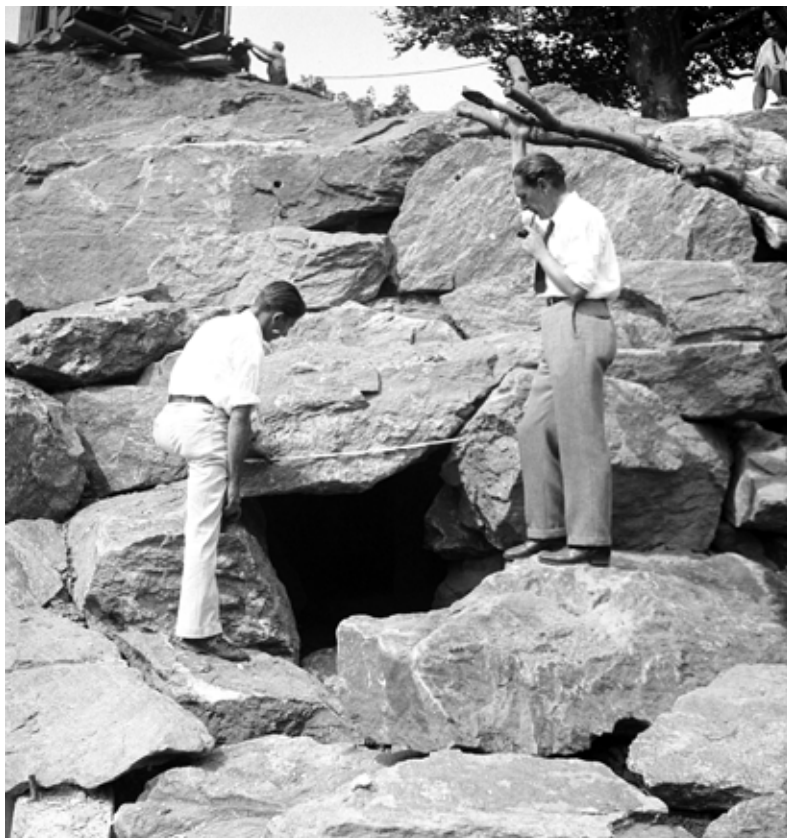
² O trabalho de Alfred Wegener (1880-1930) sobre deriva continental, publicado pela primeira vez em 1915, é considerado a base antecedente para o desenvolvimento da teoria da tectónica de placas. Mais tarde, a evidência do movimento dos fundos marítimos permitiu a aceitação da teoria e uma mudança disciplinar no sentido de um estudo orientado para o processo da geodinâmica. Ver Wolfgang Frisch; Martin Meschede; Ronald C. Blakey, *Contractional Theory, Continental Drift, and Plate Tectonics*, in *Plate Tectonics: Continental Drift and Mountain Building* (Berlin: Springer-Verlag, 2011), 3. Alfred Wegener's (1880-1930) work on continental drift, first published in 1915, is considered the antecedent to the development of plate tectonic theory. Later, evidence of sea-floor spreading allowed for the theory's acceptance and a disciplinary shift towards a process-oriented study of geodynamics. See, Wolfgang Frisch, Martin Meschede, Ronald C. Blakey. "Contractional Theory, Continental Drift, and Plate Tectonics", in *Plate Tectonics: Continental Drift and Mountain Building* (Berlin: Springer-Verlag, 2011), 3.

³ Frederick Law Olmsted Sr. and Calvert Vaux, "Particulars of Construction and Estimate, 1858," in *Forty Years of Landscape Architecture: Central Park*, ed. Frederick Law Olmsted Jr. and Theodora Kimball (Cambridge, MA: MIT Press, 1973), 283.

⁴ Frampton, *Studies in Tectonic Culture*, 27.

contraste, indissociáveis do seu substrato geológico – e dos episódios, definitivamente temporais, associados à sua ocorrência. O primeiro relatório anual do Central Park, publicado em 1857, começa com a descrição exaustiva, feita por Egbert Viele, da topografia e das condições geológicas existentes no sítio.⁵ O corte ilustrativo do sítio do parque, entre a 5.^a e a 8.^a Avenidas, adota a linguagem gráfica das ciências geológicas contemporâneas, representando o gneiss subjacente e os “violentos deslocamentos” causados pelas intrusões graníticas, sobrepostos pela deriva glacial.⁶ O relatório cataloga tipos de fundação rochosa, tanto em termos estruturais como em termos da pedra ornamental utilizável, identificando gneisses cinzentos e interlaminados como os mais adequados para o corte e utilização para acabamento. Escalas temporais e forças produtivas bastante diferentes são sincronizadas de forma clara na

Avenues adopts the graphic language of the contemporaneous geological sciences, drawing the underlying gneiss and “violent dislocations” by granitic intrusions, overlaid with glacial drift.⁶ The report catalogues bedrock types, both as the structural core of the park and as extractable dimensional stone, identifying grey and interlaminated gneiss as most suited for cutting and finishing. Vastly different timescales and productive forces are synchronically evident in the construction of landscapes. Contiguous processes from glacial deposition to the reorganization of rock into walls, bridges, and buildings by teams of masons form the site’s temporal, tectonic expression.



Construção de covil de urso, Zoo do Central Park, 1934.
Bear den construction, Central Park Zoo, 1934.

/8

construção de paisagens. Processos contíguos, desde a deposição glacial até à reorganização da rocha em muros, pontes e edifícios, por equipas de pedreiros, conformam a expressão temporal e tectónica do sítio.

Illegibilidade do Terreno

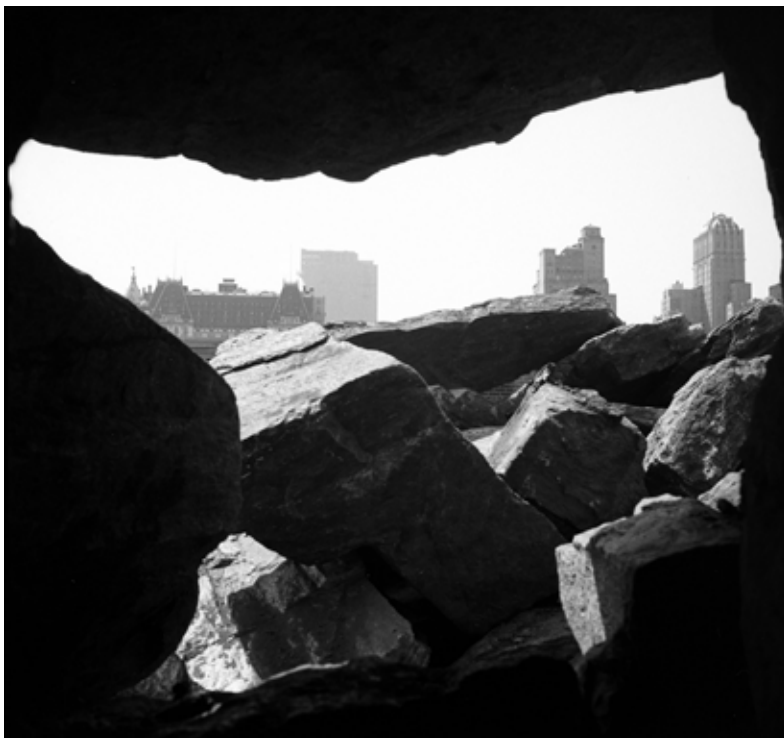
Frampton traça a distinção elegante, proposta por Gottfried Semper, entre uma moldura ligeira e articulada – a tectónica – e os materiais da terra, pesados, cortados e empilhados – a *estereotomia*. O acto de modelar o terreno, próprio do Arquitecto paisagista é, frequentemente, pensado como representativamente estereotómico, mas é muito mais um acto de juntar e tecer do que um acto de sobrepôr e esculpir. Substrato rochoso, solos, infraestruturas e a rizosfera, bioticamente activa, formam conjuntos complexos que são enganadoramente entendidos como um “chão”, apenas. Embora na terminologia de Frampton o termo “tectónica” seja reservado para a montagem, legível e expressiva, de unidades ligadas entre si – excluindo a maior parte da movimentação de terra – ele faz realçar, contudo, que alguns tipos de alvenarias, quando ligadas durante o

Illegibility of the Ground

Frampton traces Gottfried Semper’s elegant distinction between the light, joined frame—the tectonic—and the heavy, cut and piled-up earth materials—the stereotomic. The landscape architect’s act of landforming is often thought of as representatively stereotomic, but it is more an act of assembling and weaving than stacking and sculpting. Underlying bedrock, soils, infrastructure, and the biotically active rhizosphere form complex assemblies that deceptively read as a singular “ground.” While in Frampton’s terms, “tectonic” is reserved for the legible and expressive assemblage of joined units—thereby excluding most earthwork—he remarks that some types of masonry, when bound in coursework, are “also a form of weaving.”⁷ It is in this sense—of interwoven, variable, growing assemblies—that the top three feet of the undulating ground surface of Central Park are best described. One hundred and fifteen miles of sewer lines, tile drains, and iron and cement water pipes

⁵ Egbert L. Viele, *First Annual Report on the Improvement of the Central Park*, New York (New York: Chas. W. Baker, 1857), 10–25.

⁶ Para a discussão do meio cultural em que este trabalho foi gerado, ver Elizabeth Meyer, “Site Citations: The Grounds of Modern Landscape Architecture,” in *Site Matters: Design Concepts, Histories, and Strategies*, ed. Carol J. Burns e Andrea Kahn (New York: Routledge, 2005), 98. For a discussion of the cultural milieu in which this work was generated, see Elizabeth Meyer, “Site Citations: The Grounds of Modern Landscape Architecture,” in *Site Matters: Design Concepts, Histories, and Strategies*, ed. Carol J. Burns and Andrea Kahn (New York: Routledge, 2005), 98.



Vista do skyline a partir da nova toca de lobo, Zoo do Central Park, 1934.

Vista do skyline a partir do novo covil do urso, Zoo do Central Park, 1934.

processo, são também “uma forma de tecer as partes”.⁷ É com o objetivo de alcançar este processo – de tecer conjuntos variáveis e em desenvolvimento – que se tornou fundamental a descrição rigorosa dos três pés superficiais do terreno ondulante do Central Park. Nos primeiros cinco anos da construção do parque, cento e quinze milhas de colectores de drenagem, drenos cerâmicos e tubagens de água de ferro e cimento foram dispostos sobre uma quadrícula inclinada composta agregados diferenciadamente modelados. Leitos pedológicos de composição variada foram instalados por todo o parque em camadas de um a três pés, dependendo se se tratava de sistemas radiculares de arbustos ou pequenas e grandes árvores, a instalar para cobrir a superfície do Parque. As estradas de gravilha e os caminhos pedonais que atravessam o parque ocultam leitos de pedra muito bem encaixados, cujo propósito é aumentar a capacidade de carga e evitar a formação de limos e sulcos à superfície. Longe de ser esculpido a partir de uma massa sólida e homogênea, o chão é constituído por sistemas diferenciadamente permeáveis e intricadamente ligados que definem a sua resistência à água, gravidade, carga e vento.

“Vale a pena realçar que esta dimensão do trabalho de construção, a qual desempenha um papel tão essencial no aperfeiçoamento do Parque e no desenvolvimento das suas atrações, é totalmente enterrada e fica oculta a qualquer utilizador do parque.”⁸ O Engenheiro Superintendente do Central Park William, H. Grant, faz notar que a drenagem sub-superficial produz uma separação intencional entre o fluxo da água visível e aquele que resulta da compreensão técnica daquele processo de drenagem. Esta questão é fundamental para determinar o design do parque. Trata-se da procura de mimetização das formas pastoris e florestais e de uma resistência activa, na prática profissional contemporânea, à expressão do artifício da paisagem: a ilegibilidade do “terreno enquanto construção” permanece como uma dimensão intrínseca de muitos projectos de arquitectura paisagista. Não é apenas a presença de solo e vegetação que aponta para assumpções de uma condição natural remanescente. São também os impactes visíveis dos sistemas não-visíveis que ocorrem em espaço não-adjacente ou em tempo não-imediato. Embora os sistemas enterrados possam ser invisíveis, a expressão da sua instalação é revelada à superfície através da densidade e vastidão do coberto arbóreo, da orquestração de humidade e secura, e da friabilidade ou estabilidade dos taludes.

were laid in a sloping matrix of differentially graded aggregates during the first five years of the park's construction. Sub-soils of varying composition were installed throughout in lifts of one to three feet according to the root systems of scheduled shrubs and the small or large trees that would later cohere the surface. The gravel roads and walks traversing the park's surface conceal tightly packed, rhomboidal, paving stones that increase load bearing capacity and prevent “slimy” and “rutty” surfaces. Far from being carved from a solid homogeneous mass, the ground is assembled of differentially permeable, intricately bound systems, which characterize its resistance to water, gravity, load, and wind. “It is worthy of remark, that this extent of work, which performs so essential a part in the successful improvement of the Park, and, in developing its attractions, is wholly underground and hidden from observation.”⁸ William H. Grant, Central Park's Superintending Engineer, notes the intentional disconnect between the observed and experienced understanding of water flow that the sub-surface drainage produces. While this agenda is essential to the park's design with its mimesis of pastoral and woodland forms, and one actively resisted in contemporary practice concerned with articulating the artifice of landscape—the illegibility of the constructed ground remains an intrinsic dimension of many landscape architecture projects. Not only does the presence of soil and vegetation trigger assumptions of remnant natural conditions, the visible impacts of invisible systems occur in non-adjacent space or non-immediate time. Though subgrade systems may be invisible, the expression of their assembly is revealed above the surface through the density and expanse of the tree canopy, the orchestration of wetness and dryness, and the friability or cohesion of slopes.

Extant/Introduced

The materials of landscape architecture range from those sourced and supplied across great distances to those derived from or grown on site. Anything

⁷ Frampton, *Studies in Tectonic Culture*, 6.

⁸ Board of Commissioners of the Central Park, *Fifth Annual Report of the Board of Commissioners of the Central Park 1862* (New York: Wm. C. Bryant & Co., 1862), 115.

Existente/Introduzido

Os materiais da Arquitectura paisagista variam bastante. Desde aqueles que são originados e fornecidos a partir de grandes distâncias, àqueles que derivam do sítio ou que nele são criados. Tudo o que pode ser estrategicamente distribuído, re-processado ou cultivado, no sítio, compensa a necessidade de importar materiais a partir do exterior. Os produtos não disponíveis no Central Park foram fornecidos por fornecedores locais enquanto outros vieram de maiores distâncias – de tão longe como New Brunswick e Michigan (tijolo burro), dando origem a flutuações decorrentes da instabilidade do custo da mão-de-obra e a disponibilidade de transporte. Os componentes básicos da construção da paisagem: solo, pedra, madeira, cimento e vegetação – que surgem numa forma menos “fabricada” do que muitos dos materiais de construção dos edifícios – apresentam grande mutabilidade e permitem uma certa autonomia formal: os pavimentos e pedras podem ser esmagados, as madeiras podem ser quebradas, a vegetação pode ser compostada. À medida que os ciclos dos materiais vão ocorrendo continuamente, ao longo da vida de um projecto, a distinção entre o existente e o introduzido desaparece. Os sítios são, simultaneamente, fronteiras legais mas também reservas de material intrínseco e isso significa que a história dos usos do solo pode ser expresso a nível químico. Os legados da modificação ou contaminação do solo, ainda que imperceptíveis visualmente, traduzem estratégias de paisagem que aprisionam ou tiram partido do tempo: controlar ou propagar, mitigar ou remediar ou, ainda, completa remoção do solo tóxico. Juntamente com o despejo de cerca de 1.600 pessoas,⁹ foram demolidos, entre 1856 e 1857, na preparação para a construção do Central Park, várias pocilgas, comércios de “miudezas” e zonas de hortas, “que tinham escapado aos riachos de matéria fertilizante”¹⁰. Décadas de acumulação de resíduos de origem animal e vegetal tinham aumentado, substancialmente, o conteúdo orgânico do solo em múltiplos locais do futuro parque. Identificando o benefício económico desta herança, Olmsted ordenou o mapeamento, recolha e redistribuição do solo rico em nutrientes e o seu espalhamento sobre os solos mais pobres. Este material antropogénico, altamente processado, foi incorporado e consumido pelo solo.

Tectónica da Vida

Os materiais vivos – árvores, arbustos e plantas herbáceas, que “agarram” o solo, ou outro meio de crescimento em terra firme, como seja em muros ou superfícies elevadas – constituem a “tectónica da vida” da arquitectura paisagista. Com muita frequência, as plantas constituem a forma física dominante, definindo contenção vertical e cobertura. Contudo, dado que são organismos fotosintetizadores, reprodutores e senescentes, estão em transformação constante e são responsáveis pelos efeitos fenomenológicos e climatológicos compreendidos, sobretudo, sensorialmente pelos utilizadores. Durante uma viagem através do Istmo do Panamá, Olmsted, apaixonado pelo “efeito tropical”, foi levado a pensar como poderiam ser criadas sensações semelhantes, através do projecto com vegetação de clima temperado, no Central Park. Assim, encorajou o jardineiro-chefe do parque a forçar trepadeiras e ramos sobre estruturas do parque por forma a conseguir “cavernas de folhagem, escuras que, contudo, refletissem a luz em cada folha”, lembrando as árvores em forma de guarda-chuva que tinha experimentado nos trópicos. Ficou particularmente interessado nas formas das folhagens tropicais e na sua aparência artificial e tomou nota de possíveis substituições com espécies de clima temperado.¹¹ A tectónica dos materiais vivos não envolve apenas a forma espacial de plantas isoladas ou agrupadas e a respectiva resiliência à perturbação mas, também, os efeitos efémeros determinados à escala de uma folha – a sua textura, densidade, movimento e capacidade para evapotranspirar e arrefecer o ar na sua envolvente.

Os animais instalados num sítio, ou que são atraídos pelas qualidades físicas do sítio, também fazem parte do conjunto de materiais

that can be strategically distributed, re-processed, or cultivated within the site offsets the need for bringing materials in from outside. Commodities not available from within Central Park were supplied by local vendors, while others came from further afield—extending as far as New Brunswick (brownstone) and Michigan (pressed brick), and fluctuating according to unstable labor wages and access to transport. The basic components of landscape construction, soil, stone, wood, concrete, and vegetation—which appear in a less manufactured form than many architectural building materials—are mutable and defy formal autonomy: pavement and stone can be crushed, wood can be chipped, and vegetation can be composted. As continued material cycling occurs throughout the life of a project, the distinction between that which existed and that which is introduced disappears. That sites are both legal boundaries but also intrinsic material reserves means that historical land uses are expressed at a chemical level. Legacies of soil modification or contamination, while invisible to the eye, prompt landscape strategies that arrest or exploit time: capping or diffusing, attenuation or remediation, or complete displacement of toxic soil. Along with the eviction of some 1,600 people,⁹ multiple piggeries, offal vendors, and market gardens, “from which streams of fertilizing matter [had] escaped,”¹⁰ were demolished between 1856 and 1857 in preparation for the construction of Central Park. Decades of accumulated, discarded animal and plant waste had substantially increased the organic content in the soil in multiple locations of the future park. Identifying the economic benefit of this inheritance, Olmsted ordered the mapping, “mucking,” and redistribution of the nutrient rich soil to poorer soils—this highly manufactured, anthropogenic material was folded back into and consumed by the soil.

Living Tectonics

Living materials—trees, shrubs, and herbaceous plants that bind the soil or other growing media in terra firma, on walls, or elevated surfaces—constitute the living tectonics of landscape architecture. Plants often constitute the dominant physical form defining vertical enclosure and canopy. As photosynthesizing, reproducing, and senescing organisms, however, they are constantly changing and are responsible for the phenomenological and climatological effects most sensorially experienced by users. While on a trip across the Isthmus of Panama, Olmsted, impassioned at the “tropical effect,” was moved to consider how similar feelings could be elicited through the design with temperate-zone vegetation in Central Park. He encouraged the park’s chief gardener to coax vines and branches over park structures to achieve “caverns of foliage, dark and yet reflecting light at every leaf-point,” reminiscent of the umbrella-like trees he had experienced in the tropics.¹¹ He was particularly taken with the shapes of the tropical foliage and their artificial appearance, and took note of possible temperate substitutions. The tectonics of living materials not only involves the spatial form of individual and grouped plants and their resilience to disturbance, but also the ephemeral effects determined at the scale of a leaf—its texture, density, movement, and ability to evapotranspire and cool the air around it.

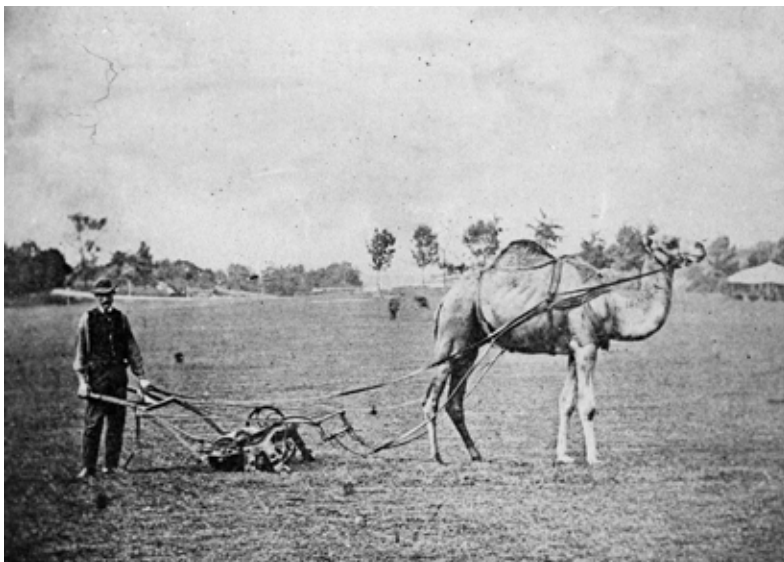
Animals that are either installed on a site or drawn to its physical qualities are also part

⁹ Roy Rosenzweig and Elizabeth Blackmar, *The Park and the People: A History of Central Park* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1992), 60.

¹⁰ Olmsted and Vaux, “Particulars of Construction,” 284.

¹¹ Frederick Law Olmsted Sr., “The Esthetic Value of Tropical Scenery,” *Landscape Architecture*, October 1914–July 1915, 133.

¹² Board of Commissioners of the Central Park, *Ninth Annual Report of the Board of Commissioners of the Central Park, for the Year Ending with December 31, 1865* (New York: Wm. C. Bryant & Co., 1866), 63–67.



Camelo com um cortador de relva atrelado, Sheep Meadow (Prado das Ovelhas), 1869.

Camel hitched to a lawn mower, Sheep Meadow, 1869.

da arquitectura paisagista. Os animais doados ao Central Park: desde um esquilo cinzento, quatro ratos brancos, uma cabra Angorá e três búfalos do Cabo; foram meticulosamente registados. No ano de 1865, a lista ascendia a 792 animais.¹² Diversos animais, individualmente, foram ocupando espaços diferenciados durante os primeiros anos do parque e, mais tarde, foram reunidos no edifício zoológico. O estatuto de determinados animais, quer fosse para exibição de exotismo, para passeios ou para trabalho, flutuou em função das mudanças da gestão e dos interesses dos visitantes do parque. O camelo ocupou todos os três domínios; o relatório anual de 1869 refere o camelo de Bactria, como um novo animal em exposição, e mostra uma fotografia em que o animal tem atrelada uma alfaia corta-relva.¹³ A libertação de 80 estorninhos europeus no parque, como potencial predador para uma praga de vermes, por um membro da Sociedade Americana de Aclimação, deu origem à expansão generalizada da espécie por todas as Américas. O estorninho é hoje uma das mais abundantes espécies de aves nos Estados Unidos. Enquanto sistemas fundamentalmente abertos, as paisagens são acessíveis à ocupação por populações animais não-humanas. Populações que habitam, modificam e, conseqüentemente, funcionam como agentes contínuos de transformação da paisagem. O estímulo ou inibição de populações animais é parte do material e da orquestração processual do projecto de paisagem.

Manutenção enquanto Construção

“Luz, água, vento e desagregação de matéria por acção climática são os agentes que agem sobre o edifício, escreve Frampton a propósito das marcas do tempo nos edifícios.¹⁴ Estes mesmos elementos alteram as superfícies da paisagem mas, também, catalisam o crescimento da vegetação, a erosão e outras mudanças entrópicas, através de adição e subtracção – e são parte das opções consideradas disponíveis num projecto. Através da poda, da fertilização, e da suavização de vários elementos a manutenção contínua retarda ou acelera as variáveis de alteração dos materiais. O equilíbrio entre os regimes de manutenção, a integridade material e a tolerância à mudança, define a essência física de um projecto de paisagem, em qualquer momento. Quando a manutenção é demorada e o desejo por uma situação estável é alto, o projecto parece ter falhado. Quando um crescimento vigoroso é coincidente com desejo de mudança, o resultado é considerado uma experiência valiosa e um sucesso.

A manutenção através da subtracção de vegetação está paradoxalmente ligada ao crescimento. No Central Park, o desbaste programado de manchas arbóreas, densamente plantadas, foi bastante

of the material assemblage of landscape architecture. Animal gifts to Central Park ranging from one grey squirrel to four white rats, from one Angora goat to three African Cape buffalo were fastidiously recorded. By 1865, 792 animals were on the roster.¹² Individual animals occupied a range of spaces during the first years of the park, and were later assembled in the menagerie building. The status of particular animals as exotic displays, rides, or work teams fluctuated with changing park management and park visitor interest. The humped camel occupied all three domains; the 1869 annual report lists the Bactrian camel as a new animal exhibition and shows a photograph of it hooked up to a lawn-mowing device.¹³ The release of 80 European starlings in the park by a member of the American Acclimatization Society, as a potential predator to a worm pest, initiated the widespread expansion of the species across the Americas; it is now one of the most abundant bird species in the United States. As fundamentally open-systems, landscapes are accessible to occupation by non-human animal populations—populations that inhabit, modify and therefore function as on-going agents of landscape change. The supporting or discouragement of animal populations is part of the material and processual orchestration of landscape design.

Maintenance as Construction

“Light, water, wind, and weathering, these are the agents by which [building] is consummated,” Frampton writes of the markings of time on buildings.¹⁴ These same elements alter landscape surfaces, but also catalyse vegetation growth, erosion, and other entropic change, through addition and subtraction—and are part of the palette of available design considerations. Ongoing maintenance slows down or speeds up variables of material change through the pruning, fertilizing, and polishing of various elements. The balance between maintenance regimes, material integrity, and tolerance for change characterizes the physical substance of a landscape project at any given time. When maintenance is slow and a desire for stasis is high, the project appears to have failed. When vigorous growth is matched with desire for change, the effect is considered an experiment and a success.

¹³ Board of Commissioners of the Central Park, *Thirteenth Annual Report of the Board of Commissioners of the Central Park, for the Year Ending December 31, 1869* (New York: Evening Post Steam Presses, 1870), 100, 26.

¹⁴ Frampton, *Studies in Tectonic Culture*, 27.

controverso e apontado, mesmo, como a destruição do bem mais valioso do parque. Alguns gestores do parque deixaram de executar a operação assentindo, assim, a importantes perdas de árvores. Olmsted, convicto de que a remoção de 300 cords de madeira iriam estimular o equivalente de repovoamento, em dois anos, citou trinta e nove fontes numa directiva que estabelecia a continuação dos desbastes. Entre as fontes citadas, Humphry Repton advogava a operação de desbaste de bosques para criar “uma habitabilidade elegante e confortável [e] efeitos variáveis de luz e sombra”.¹⁵ Neste caso, a remoção continua de material produz, a longo prazo, efeitos estéticos e climáticos, significativos, na experiência do parque. Outro aspecto exclusivo da arquitectura paisagista.

Conclusão

No pico da construção, em 1862, o relatório anual do Central Park distingue “terreno produzido” de “terreno natural” como terra cujas características locais e funcionais (e, consequentemente, também vivenciais) foram sendo transformadas através do projecto.¹⁶ O “terreno produzido” sempre foi o campo de actuação e *expertise* da arquitectura paisagista. Mas a sua confusão com o “terreno natural” é uma das grandes fixações contemporâneas da profissão. Esta preocupação foi frequentemente abordada pelo discurso didáctico do artífice – uma estratégia que arrisca colocar tamanha ênfase na autonomia do projectista que o potencial expressivo de agentes não-humanos é totalmente minimizado. Com a identificação atempada do antropoceno, que descreve a época geológica actual como definitivamente influenciado pela acção humana¹⁷, a defesa da autonomia do projectista torna-se menos relevante. Os materiais e métodos de actuação do campo da arquitectura paisagista oscilam entre serem geológica ou antropogenicamente formados, esculpidos ou montados, existentes ou introduzidos, e inertes ou vivos – gerando relações profundamente complexas entre as operações de projecto e as forças não-humanas. Estas relações complexas são necessárias para exprimir a forma global de qualquer paisagem – e expandem a noção de Frampton da tectónica no processo. Em vez de afirmar o artífice ou a objectividade do desenho, é através do compromisso entre a acção geológica e biológica e as relações não-lineares, mas contudo poderosas, entre estrutura e expressão formal, que a tectónica da paisagem encontra a sua poética de construção.

[ORIGINALMENTE PUBLICADO NA HARVARD DESIGN MAGAZINE, NÚMERO 36, “LANDSCAPE ARCHITECTURE’S CORE?”]

The subtraction of vegetation through maintenance is paradoxically linked to growth. In Central Park, the scheduled thinning of densely planted trees was so contentious, even seen as a destruction of the park’s most valued asset, that some park managers bypassed the practice and witnessed significant tree loss. Olmsted, wagering that the removal of 300 cords of wood would stimulate the same amount of re-growth within two years, cited thirty-nine sources in a directive for continued removals. Of these sources, Humphry Repton advocated for the act of thinning woods to create “elegant and comfortable habitation [and] the ever-varying effects of light and shade.”¹⁵ In this case, the routine removal of material produces delayed, yet substantial aesthetic and climatic effects in the experience of the park; these effects exemplify another aspect of tangential design control unique to landscape architecture.

Conclusion

At the peak of construction in 1862, the Central Park annual report distinguishes “made ground” from “natural ground” as land whose sectional and functional (and therefore experiential) characteristics have been transformed through design.¹⁶ “Made ground” has always been the subject and expertise of landscape architecture, but its confusion with “natural ground” is one of the field’s greatest contemporary fixations. This preoccupation has often been addressed by didactically illustrating artifice—a strategy which risks overemphasizing the autonomy of the designer so much that the expressive potential of non-human actants is undermined. With the timely identification of the “anthropocene,” which describes the current geological epoch as definitively influenced by human action,¹⁷ the defense of design’s independence becomes less relevant. The materials and methods of the field slip between being geologically or anthropogenically formed, carved or assembled, existing or introduced, and inert or alive, generating profoundly complex relationships between the operations of design and non-human forces. These relationships are required to express the total form of any landscape—and they expand Frampton’s notion of the tectonic in the process. Rather than by asserting the artifice or object-hood of design, it is through engagement with geological and biological action and the non-linear yet powerful relationships between structure and formal expression where landscape tectonics finds its poetics of construction.

[ORIGINALLY PUBLISHED IN HARVARD DESIGN MAGAZINE, NUMBER 36, “LANDSCAPE ARCHITECTURE’S CORE?”]

¹⁵ Olmsted and Vaux, “Particulars of Construction,” 373.

¹⁶ Board of Commissioners, *Fifth Annual Report*, 68.

¹⁷ See Paul J. Crutzen and Eugene F. Stoermer, “The ‘Anthropocene,’ ” *Global Change Newsletter*, May 2000, 17–18.

Do *Topus* e do *Locus*

Of the Topus and the Locus

Aurora Carapinha

A Paisagem é uma materialidade, feita de outras múltiplas materialidades, que sobre uma estrutura genesiaca definida por componentes morfológicas, matriciais, como são o relevo-solo, a vegetação, e a água, se constrói. É a figuração da *fhisis*, (força vital) e do *cosmo*, da Natureza no sentido aristotélico.

A Paisagem é o fenossistema, em perpétuo movimento e em constante transformação, resultante de um conjunto de relações e de contaminações que se gera entre as distintas corporeidades que a constituem. Por isso a Paisagem não é suporte. Mas, também não é cenário que enquadra, que emoldura o fazer humano. É vínculo relacional entre *topus* e *locus*. Assim o entende Gonçalo Ribeiro Telles ao afirmar que o alicerce das suas intervenções é não só a unidade estrutural ecológica mas também a mesma relação que sociedades humanas nas mais diversas paisagens estabelecem com a natureza ¹. Ribeiro Telles, de uma forma sintética e por isso mesmo magistral, reafirma a complementaridade que toda a paisagem é; sistema ecológico e construção.

À construção corresponde o conceito de *locus*, lugar existencial, onde se é, se está, onde se criam e constroem ocasiões e oportunidades de habitar onde se expressam os valores do primeiro, do *topus*. O *locus* é espaço de ser e estar, espaço de existir, que se funda com o *topus*, a força telúrica matricial, criando com ele uma ocasião ecológica, cultural e estética que toda a Paisagem, construída, deve ser. Muitas vezes, ou direi mesmo a maior parte das vezes, o *topus* é apenas entendido como expressão espacial onde se lêem distâncias, ângulos e áreas, como simples suporte de actuação e, consequentemente, trabalhado como tábua rasa, e não como uma realidade, sem dúvida figurativa, formal, resultante de uma construção interna, em perpétuo movimento e transformação, que não responde tanto a uma noção euclidiana de espaço. Ele exige uma compreensão partir de uma geometria de outra ordem, mais complexa, relacional, de sistemas que definem entre eles relações de polaridade, de gradiente, de diversidade, de elasticidade, de continuidade e de afectividade. Requer uma geometria de base topológica.

O *topus* não se esgota nesta inter-relacção dos sistemas naturais, é também a própria a *poesis* da Paisagem. Isto é: ele é o sistema operativo que leva a construir a transformar de uma certa forma, e que define a nossa relação com a materialidade e a corporeidade da Paisagem. O *topus* é, pois, um elemento fundamental quer no ponto de vista físico, biológico quer no ponto de vista existencial, quer, ainda, como corporeidade propulsora da imaginação da criação e da construção.

Nuno de Mendonça no seu estudo *Para uma Poética da Paisagem*, datado de 1989, definiu-nos um conjunto de tipologias poéticas da paisagem que nos facilitam a compreensão da dimensão do *topus* enquanto valor essencial da Paisagem e revela-nos a sua importância no acto de desenhar paisagem. A reflexão de Mendonça, como exercício de tipificação que é, ajuda-nos a

Landscape is a materiality, made up by multiple others, built over a genesis structure defined by a matrix of morphological components such as terrain, vegetation and water. It is the embodiment of fhisis (vital energy) and the cosmos, Nature in the Aristotelian sense.

Landscape is the phenosystem that, in perpetual motion and constant transformation, is the result. Therefore, the Landscape isn't support. But it also isn't scenery that frames human affairs. It is the binding agent between the topus and the locus.

Such is Gonçalo Ribeiro Telles' opinion as he claims that the foundation of his actions is not only structural ecological unity but also the same relationship that human societies establish with nature in the most diverse landscapes. Ribeiro Telles, with succinct mastery, reaffirms the complementary nature of all landscape: an ecological system and construction.

The concept of locus corresponds to construction, an existential place where one is, where one lives, where opportunities and possibilities for dwelling are created, where the values of topus are expressed.

The locus is a space for being, a space for existing, fusing with topus, the power of the land's matrix, creating with it an ecological, cultural and aesthetic occasion that all constructed Landscape should be. Often, or should I say most of the time, the topus is understood as merely an expression of space from which distances, angles, and areas are ascertained, as a simple support for action, and consequently, worked on as a blank slate, and not as a reality, without a doubt both figurative and formal, the result of an internal construction, in constant motion and transformation, not corresponding much with a Euclidian sense of space.

It requires understanding of another kind of geometry, more complex, relational, pertaining to systems that define relationships of polarity, gradient, diversity, elasticity, continuity, and care among themselves. It requires a geometry with a topological base.

The topus does not end with this inter-relationship of natural systems, but is also the very poesis of Landscape. That is: it is the operating system that leads to construction and transformation of a particular kind and that defines our relationship with the material world and the corporeality of the Landscape. Topus is, therefore, a fundamental element whether from the physical point of view, the

/13

¹ Pedro Pacheco, José Adrião. "Gonçalo Ribeiro Telles" Documentos de Arquitectura, 3. Outubro de 2000, pp. 31-63

compreender a poética que o *topus* induz.

Nesse estudo são reconhecidas, pela sua espacialidade (espaço e ambiência), seis tipologias poéticas de paisagem. A saber: a planície, a montanha, a floresta, o campo, o vale e o mar. De entre elas destacamos o vale:

"... Cerramos os olhos e os vales surgem interiores, aéreos, ideais, na presença imaginária do tempo usado ao construí-los e preenche-los. (...) revemos os vales como formas ocas da terra onde se guarda o sintetismo da vida.(...) a claridade adquire no vale e na planície o valor da transparência do entendimento, manifestando-se em ar atmosférico referido às coisas, em qualidade vital, peculiar de espaços tão diversos ao olhar, mas tão semelhantes ao entendimento. Há nos vales esta única transparência aquática e luminosa que lhes vem da água, das neblinas acumuladas, das luzes indirectas e difusas que chegam ao fundo filtradas. Pelas manhãs e ao entardecer, o fantástico das claridades reflectidas pela água e pela encosta, em que a luz bate, fazem a eteriedade da ambiência peculiar dos vales. Frescura, paz, sonoridades calmas; tranquilidade da vida que percorre o ciclo natural e perfeito num mundo que se basta e em que tão intenso movimento vital constrói o sossego, que é o corpo do vale. (...) É preciso silêncio passar longo tempo, aprendendo com ele a ver a complexidade riquíssima deste espaço.

(...) Ele é, em si, um ciclo completo bastando-se como unidade vital perfeita. (...) É um local de imaginação, pela fertilidade que lhe transborda, que nos sugere e nos impulsiona a criar. É um local de poesia natural que se nos apresenta e oferece e de onde nasce a outra, criada e transformada em obra.(...) O rio, a água, a luz, todos os contrastes das encostas, do cimo e do baixo, do longo, do largo e do estreito, nos conduzem ao poema da palavra, da cor, da linha e do canto. (...) A cor no vale pode alcançar-se em apenas pura luz sem matéria, porque é aqui o lugar onde ela é luz na definição científica, desmaterializada e abstração total. (...) Partes da mesma natureza, homem e paisagem no vale a dado momento confundem-se pela muita afectividade gerada na relação, quase podendo então inverter-se, humanizando-se a paisagem e, o homem, sendo pedra, rio ou vento. (...) Cada uma das encostas é uma paisagem diferente no clima, na vegetação, na temperatura, onde o frio e o quente coexistem no espaço do vale. De um lado, sobreiros e azinheiras sendo quase mediterrâneo e do outro, o Atlântico nos carvalhos do Norte. De um lado, a luz, do outro a sombra. No alto a tepidez do ar, no fundo frio e a humidade. Saídos do vale, passando a cumeada, é outro país que se nos depara.

No fundo, uma outra unidade se completa na linha de água estreita, apenas pluvial, ou corrente contínua a que chamamos rio. Aqui as margens, a água e o leito; a charneira das vertentes por onde o vale se abre até aos cumes em fio, em duas faces interiores."²

A Paisagem surge assim como a linha onde estas duas realidades, *topus* e *locus* se encontram e influenciam mutuamente. A Paisagem é expressão da existência, e forma de representação, no espaço e no tempo da relação, que o homem estabeleceu com os sistemas naturais. Não é simplesmente expressão de um tempo, mas, é manifestação de todos os tempos; variados tempos que actuando com o sítio e a matéria definem espacialidades. O tempo "cronológico" e a sua conjuntura determinam marcas, formalizações, signos identitários, que o tempo biológico, pela ordem natural que comporta, molda numa construção evolutiva. *Topus* e *locus* fundem-se, são uma e a mesma coisa. O *topus* integra-se no *locus*.

Na Paisagem, o espaço, a matéria, o tempo (passado, presente futuro e tempo biológico) estão objectivamente presentes. Combinam-se e estruturam-se entre eles de forma indistinta, múltipla. Mas é, sobretudo através da sua vivência ao longo do tempo, e no tempo, que a Paisagem,

biological, or the existential, or even as the driving body behind the imagination of creation and construction. Nuno de Mendonça, in his study *Para uma Poética da Paisagem* (For a Poetics of Landscape), dated 1989, defined a number of poetic typologies of landscape that facilitates the understanding of the *topus* as an essential value of Landscape, and reveals its importance in the act of designing landscape. Mendonça's reflection, as the classification exercise that it is, helps us understand the poetry that the *topus* inspires.

In that study, 6 poetic types are established for the landscape based on their spatial nature (space and atmosphere): plains, mountains, forest, field, valley and ocean. Among them, let us highlight the valley:

"... We close our eyes and valleys arise, interior, ethereal, ideal, in the imaginary presence of the time used to build and fill them. (...) we revisit the valleys as hollow shapes of the earth where the synthesis of life is held. (...) in the valley and the plains, clarity acquires the value of the transparency of understanding, manifesting itself in the atmosphere reserved for things, with a vital quality, specific to places that appear so diverse to the eye, but so similar to the understanding. There is in valleys a unique aquatic and luminous transparency, coming from the water, the accumulating haze, the indirect and diffused light that filters through to the bottom. In the mornings and during the sunset, the fantastic of the clarities reflected by the water and the hillside, where the light lands, creates the ethereality of atmosphere peculiar to valleys. Freshness, peace, calming sounds; the tranquility of life going through its natural and perfect cycle in a world that suffices itself and where such intense, vital movement builds quietness, that is the body of the valley. (...) Silence must remain for a long time, learning to see the vast, complex wealth of this space.

(...) It is, in itself, a complete cycle, self-sustained as a perfect vital unit. (...) It is a place of imagination, through the fertility it overflows with, inspiring and compelling us to create. It is a place of natural poetry, presenting and offering itself to us, from which the other is born, created and transformed into a work. (...)

The river, the water, the light, all the contrasts of the hillsides, from the top to the bottom, the long, the wide, and the narrow, guide us to a poem of words, of color, of lines, and corners. (...) Color in the valley can be reached with only pure light, without matter, because that is the place where matter is light in the scientific sense, dematerialized and totally abstract. (...) Parts of the same nature, humanity and landscape, can at times become confused with one another in valleys by the deep devotion of their relationship, almost able to switch places with each other, humanizing the landscape, or portraying man as rock, river, or wind. (...) Each of the hillside landscapes is different in its climate, vegetation, temperature, where warmth and cold coexist in the valley's space.

On one side, evergreen and cork oak trees, almost Mediterranean, and on the other, the Atlantic and the oak trees of the North. On one side, light, and on the other, shadow. Up high, the warmth of the air, cold and humidity at the bottom. Leaving the valley, past the crest line, we encounter an altogether different country.

At the bottom, another unit is added to the narrow path of water, merely pluvial, or continuous current we call river. Here on

² Nuno José Noronha Mendonça, *Para uma Poética da Paisagem — a ideia*, vol. I, dissertação apresentada à Universidade de Évora para a obtenção do grau de Doutor em Artes e Técnicas da paisagem, Universidade de Évora, (policopiado) p.96

por eles definida, se revela na sua dimensão plena. A Paisagem não pode ser mais entendida, só, como aquilo que se contempla, mas sim como produto da relação entre sujeito – espaço que enraíza na diversidade das relações, em perpétuo movimento e em constante evolução, dos factores bióticos e abióticos, nas distintas e várias funcionalidades, e nas diferentes figurações e significados, inerentes à unidade estrutural ecológica, ao *topus*. É que se funda no respeito pela temporalidade e materialidade, viva, dinâmica e sistémica, da própria Paisagem.

A não-aceitação, o não reconhecimento, da validade e da importância daqueles princípios no desenho, na construção de paisagens, quer por desconhecimento ou quer, simplesmente, porque se considerarem retrógrados, faz com que a relação entre *topus* e *locus* se fragmente, se pulverize, se desintegre. E a paisagem daí resultante seja uma não-paisagem.

Na Paisagem, o espaço, a matéria, o tempo (passado, presente futuro e tempo biológico) estão objectivamente presentes. Combinam-se e estruturam-se entre eles de forma indistinta, múltipla. Mas é, sobretudo através da sua vivência ao longo do tempo, e no tempo, que a Paisagem, por eles definida, se revela na sua dimensão plena.

Within the Landscape, space, matter, time (past, present, future, and biological time) are objectively present. They combine and structure among themselves in multiple, indistinct ways. But it is most of all through its experience over time, and in time, that Landscape, defined by them, reveals its full nature.

the shores, water and bank; the hinge of the sides through which the valley opens itself up to the chain of peaks, in two interior faces."

Landscape appears therefore as the line where these two realities, topus and locus, meet and mutually influence each other. Landscape is an expression of existence, of shape and representation, in the space and time of the relationship that humanity establishes with natural systems. It isn't simply an expression of a time, but the manifestation of all times; varied times that, acting on the place and its matter, define spatialities. "Chronological" time and its cycle determine markers, formalities, and identifying signs that biological time molds into evolutionary construction through the natural order it entails. Topus and locus fuse, are one and the same. Topus is an integral part of locus.

Within the Landscape, space, matter, time (past, present, future, and biological time) are objectively present. They combine and structure among themselves in multiple, indistinct ways. But it is most of all through its experience over time, and in time, that Landscape, defined by them, reveals its full nature.

Landscape can no longer be understood, merely, as that which is only meant to be contemplated, but as product of the relationship between subject and space, casting its roots in the diversity of relationships, in constant motion and evolution, in biotic and abiotic factors, in its varied and particular functions, and in the different representations and meanings inherent to the structural ecologic unit, the topus. And founded on the respect for the temporality and living, dynamic and systemic materiality of Landscape itself.

The non-acceptance, the non-recognition, of the validity and importance of those principles in design, in landscape construction, whether from ignorance or because they are simply considered outdated, causes the relationship between topus and locus to fragment, pulverize, disintegrate. And the resulting landscape is a non-landscape.

Todos Somos Poucos

All of us are too few

José veludo

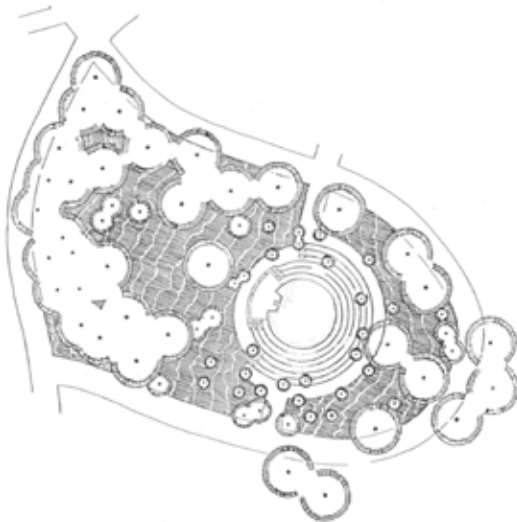
"Todos somos poucos para as necessidades que há,
mas vai-se crescendo, *lentiter, sed firmiter*"

FRANCISCO CALDEIRA CABRAL ¹

Refletir sobre o exercício da Arquitetura Paisagista, desperta antes de tudo a vontade de abordar a sua definição, salientando a pedra de toque da nossa ação sobre a paisagem, a ponderação da dimensão temporal na razão das duas grandezas, a da humanidade em relação à unidade da natureza. Depois, apontam-se caminhos de ação sobre a paisagem, a necessidade de progredir na coexistência entre a livre ação da natureza e as nossas aspirações.

Ponto de partida

A Arquitetura Paisagista medeia a relação entre a cultura e a natureza. No seio da complexidade dos sistemas cultural e biofísico, procura soluções de transformação e de apropriação da matriz territorial que servem à promoção da vida, entendendo e integrando a incerteza temporal e relacional da sua evolução. Integra e articula, ordena e constrói a paisagem, na expectativa de gerar lugares equilibrados, belos e úteis à vida.



A ação da Arquitetura Paisagista relaciona e articula a informação cultural com a biológica, fisiográfica ou geológica, para entender a génese dos lugares, antes da sua transformação. Identifica sistemas e processos, aptidões e continuidades, padrões e proporções de equilíbrio que inspirem a recriação e construção da paisagem. Que sistemas e processos sustentam uma paisagem fértil, qual é a aptidão de um vale, quais são os padrões de agregação das pessoas e das plantas, como se movimenta a água, qual a proporção entre o espaço aberto e o espaço ocupado, e a razão da sua interface?

*"All of us are too few for the current needs, but one keeps growing, *lentiter, sed firmiter*"*

FRANCISCO CALDEIRA CABRAL ¹

Reflecting upon the practice of Landscape Architecture awakens before anything else a desire to address its definition, highlighting the touchstone of our actions upon the landscape, a contemplation on the temporal dimension of its two great components, humanity and its relationship with the unity of nature. After that, action plans for the landscape for the landscape are pointed out, the need to progress within the coexistence between the free reign of nature and our own aspirations.

Starting Point

Landscape Architecture mediates the relationship between culture and nature. At the heart of the complexities of cultural and biophysical systems, it seeks solutions for the transformation and appropriation of the territorial matrix that serve the promotion of life, recognizing and integrating the temporal and relational uncertainty of its evolution. It integrates and hinges, guides and builds the

¹ - Projeto de jardim para a Estação Agronómica Nacional de Oeiras, Francisco Caldeira Cabral, 1939
Plans for the Oeiras National Agronomic Station's gardens, Francisco Caldeira Cabral, 1939

landscape, with the hopes of creating balanced places, beautiful and useful to life.

The action of Landscape Architecture relates and connects cultural with biological, physiographic, or geologic information to understand the origin of places before their transformation. It identifies systems and processes, aptitudes and continuity, patterns, and proportions for balance that inspire the recreation and construction of the landscape. What systems and processes sustain a fertile landscape, what is the aptitude of a valley, what are the standards for aggregating people and plants, how does water move, what is the proportion between open and closed space, and the reason for their interface? All processed information must still be considered through exposure to time. Its measure guides the ambition of the landscape design. On one hand, the certainty of brief and well-known time such as seasons, or the day-night cycle, provides certainty when planning and projecting. Seasonal harvest routines, surface renewals, blooming cycles, the need for shade, are all known time measurements, safely used to define a space. On the other

¹ Lição proferida no Colégio de Arquitectos de Cataluña y Baleares, Barcelona, 11.05.1978

Toda a informação processada tem ainda de ser ponderada pela exposição ao tempo. A sua medida é o que orienta a ambição do projeto de paisagem. Por um lado, a certeza dos tempos breves e experimentados como o das estações ou a cadência entre o dia e a noite, permite projetar e planejar com certezas. A rotina sazonal das culturas, da renovação das superfícies, da floração ou da necessidade de obter sombra, são tempos que se reconhecem e são medidas seguras para a definição do espaço. Por outro lado, o projeto de paisagem relaciona-se com a incerteza dos sistemas cuja dinâmica/ciclo ultrapassa a nossa experimentação temporal, como as alterações climáticas, a formação do solo ou o ciclo da água. Nesta dimensão, situando-se o grau de incerteza para além das nossas capacidades, memórias e registos, o projeto de paisagem tira partido da longevidade das dinâmicas naturais sem as subjugar ao nosso tempo efêmero.

A eficácia e durabilidade dos sistemas intertidais, como o cordão dunar ou o sapal, para defesa da costa e das margens ultrapassam largamente muitos dos nossos ensaios com muros e pontões. É bem verdade que tudo se regenera numa outra qualquer coisa, num outro equilíbrio, numa outra beleza. A espontaneidade/libre ação da natureza não tem qualquer entrave quando se olha a uma escala temporal que não é a nossa nem do nosso mundo. O desafio é o de encontrar equilíbrios para um tempo que é o nosso ou dos nossos.

As necessidades que há

O aumento da densidade populacional e a evolução do estilo de vida sustentou-se numa maior, e mais rápida, apropriação e artificialização do planeta. Esta intensidade cria desequilíbrios entre a nossa ilimitada capacidade de transformar a paisagem e a limitada capacidade de a gerir. A gestão da paisagem pode ser partilhada entre o sistema cultural e o natural, em coexistência, aceitando a espontaneidade aparente da natureza como forma de gestão de parte crescente do território. Neste sentido, ao ordenar a paisagem, para além da organização que assiste às nossas necessidades, deve ser proporcional e constante a livre ação da natureza e a sua matriz ser contínua e rizomatosa. É preciso prosseguir na constituição de uma estrutura ecológica global, tendencialmente espontânea, e de interface ampliada com os espaços mais humanizados.

Não é possível cuidar de toda a paisagem como se fosse um jardim no qual quase tudo se prevê e controla. A integração de dinâmicas naturais autónomas na organização do território tira partido da sua resiliência, capacidade de adaptação e produção de equilíbrios biofísicos que nos aliviam o esforço necessário à gestão da paisagem. Neste sentido, nas novas matrizes agrícolas, florestais e industriais podemos alargar as interfaces não exploradas de compartimentação, as extremas, constituindo uma matriz contínua e sistémica de autorregulação do território. As soluções de compartimentação culturalmente experimentadas, de sebes e valados para drenar os campos e protegê-los da erosão, são padrões que podem ser replicados e alargados para garantir a matriz natural por todo o território. De igual forma o interior da cidade densa aguarda soluções de coexistência com a densidade natural. O conceito de *continuum naturale* (Estrutura Ecológica), há muito defendido pelo corpo da arquitetura paisagista, carece ainda de um esforço amplo e continuado. Soluções para tornar as cidades mais permeáveis à circulação dos fluxos primordiais do ar, da água e de todos os seres vivos. Permitir que a natureza se desenvolva com a mesma continuidade com que se desenvolvem as estradas. Trazer de novo as ribeiras à superfície, permitir que a água corra perto de nós, na sua plenitude, senti-la, vê-la, tocar-lhe perto dos lugares onde habitamos. É melhor ter uma galeria ripícola com capacidade própria de regeneração do que um conjunto de tubos com manutenção permanente.

Nas cidades para além da partilha da Estrutura Ecológica pela integração de ecossistemas autónomos, de fraca intervenção humana, como as matas autóctones, os sapais ou as galerias ripícolas, é importante ensaiar mais soluções de apropriação por parte dos cidadãos, em alternativa à simples manutenção camarária. Promover a ampliação do sistema agrícola urbano, individual, comunitário, cooperativo, não pela sua produtividade líquida, mas pela responsabilização na gestão do

hand, a ladscape project is connected with the uncertainty of systems with dynamics/ cycles beyond our temporal experience, such as climate change, soil formation or the water cycle. At this level, the degree of uncertainty beyond our capacity, memory, and records, ladscape project takes advantage of the longevity of natural dynamics without subjugating them to the ephemeral nature of our time. The effectiveness and durability of intertidal systems such as dune and wetland areas for the defense of shores and the coastline is far beyond that of our attempts with walls and pontoons. It is very true that everything regenerates into something else, into another balance, another beauty. The spontaneity/free action of nature has no obstacles at all when viewed from a time scale beyond ourselves or our world. The challenge is to find a balance for this time, our period of time.

The existing needs

The increase in population density and evolution of lifestyles has relied on a greater and faster appropriation and artificialization of the planet. This intensity creates imbalances between our unlimited capacity to change the landscape and limited capacity to manage it. Landscape management can be shared between cultural and natural systems, coexisting, accepting the apparent spontaneity of nature as a way to manage a growing part of the land. In this sense, by designing the landscape, beyond the organization that helps with our needs, the free action of nature must be proportional and constant, its framework continuous and pervasive. The creation of a global ecological structure must continue, with spontaneous tendencies and enhanced interfaces with more humanized spaces.

It is not possible to care for the entire landscape as if it were a garden in which almost everything can be predicted and controlled. The integration of natural and autonomous dynamics in the territorial organization takes advantage of its resilience, ability to adapt and produce biophysical balances that reduce the effort required to maintain the landscape. In this sense, we can widen the unexplored interfaces for compartmentalization of agricultural, forest and industrial frameworks, the outermosts, creating a continuous and systematic matrix for territorial self-regulation. The culturally tried and true solutions for compartmentalization, hedges and ditches to drain the fields and protect them from erosion, are patterns that can be replicated and widened to ensure the natural matrix throughout the territory. In the same way, dense city interiors await solutions for coexistence with natural density. The concept of continuum naturale (Ecological Structure), long defended by Landscape Architecture, still lacks broad and continuous action. Solutions to make cities more permeable to the primal flow circulation of air, water, and all living beings. Allowing nature to develop with the same continuity that roads are developed with. Bringing streams back to the surface, allowing water to run close to us, in its entirety, feeling it, seeing it, touching it close to the places we live in. It's better to have riparian galleries with the ability to self-regenerate than a set of tubes with permanent maintenance.

In cities beyond the shared Ecological Structure of integrated autonomous ecosystems, of limited human intervention, such as native woodlands, wetlands and riparian galleries, it is important to engage in further appropriation solutions enacted by citizens, as opposed to simple municipal maintenance. Encouraging the broadening of the urban, individual, community, and cooperative agricultural system not only for its net productivity, but also because of the sense of responsibility for the management of a common space and interaction with



2 - Sapal em interface entre o Tejo e os campos agrícolas das lezírias

espaço comum e interação com a natureza, e com os outros, que contrarie o isolamento e a inação das populações, reaproximando-as dos modelos de partilha da paisagem.

Também nos territórios menos povoados é fundamental encontrar novos ou renovados modelos para cuidar de paisagens abandonadas, que tirem partido da estruturação existente, e das memórias que contam a sustentabilidade da relação entre as pessoas e os lugares. O exemplo da reserva natural privada da Faia Brava, nas terras de Ribacôa na Beira Alta, é um exemplo que tenta articular a promoção da biodiversidade, com a ocupação cultural. A escassez da apropriação de lugares no interior do país, por morte dos modelos de habitar e de gerar riqueza, carece de renovadas soluções para a paisagem, que beneficiem do conhecimento acumulado das suas transformações anteriores.

nature, and others, countering the isolation and inaction of the population, reacquainting it with standards for sharing the landscape. In less populated areas, it is also fundamental to find new or renewed standards of care for abandoned landscape, taking advantage of existing structures, and the memories that convey the sustainability of the relationship between people and places. As an example, the Faia Brava private natural reserve, in the Ribacôa area of Beira Alta, tries to connect the development of biodiversity with cultural occupation. The scarcity of appropriated land in the interior of the country, due to the demise of wealth creation and habitational patterns, lacks renewed solutions for the landscape, benefitting from the accumulated knowledge of its past transformations.

It makes sense to go on

We are living times that are difficult to classify, at every moment questioning our guiding principles and values, what political, social and cultural models for action make sense for existence and evolution. It makes sense to hold on to the idea of a body of knowledge that brings us together; that of Landscape Architecture. This body informs and shapes, defends fundamental principles and values that reduce the restlessness with which we contemplate work on the landscape: the value of life and the primal systems that sustain it, air, water, soil, circulation, and the diversity of living beings; the principle of the constant requirement for renewal of the landscape, as a result of the interaction between culture and nature, its crystallization leading to decay and death; the value of scarce, partly finite resources; the principle that proportion is the measure used to conjugate matter and define space; Over the past seventy-six years, Landscape Architecture, having the creation of the course in 1942 by Francisco Caldeira Cabral as a reference, crossing from the 20th to the 21st centuries, has proven useful and relevant to the understanding and evolution of the landscape, leaving a legacy we can be proud of. The narrative told by the Portuguese Landscape, and others, must take into account how we approach our work as well as our reasoning for it. Even when questioning the evidence for climate change, the simple statement that the planet is now home to over 7 billion people, twice what it had in 1970, should be enough to provide awareness of the massive undertaking awaiting us.

The many profound changes awaiting the land, and the desires to experiment and create that motivate us, give us a reason to resist, and ensure the continuity of the body of knowledge that we belong to, that of Landscape Architecture.

/18

Tem sentido continuar

Estamos a viver tempos de difícil enunciação, onde a todo o momento nos questionamos sobre os valores e princípios que nos orientam, que modelos de ação política, social e cultural fazem sentido para existir e evoluir. Faz sentido mantermos a ideia de um corpo de conhecimento que nos agrega, o da Arquitetura Paisagista. Esse corpo que informa e forma, defende valores e princípios fundamentais para diluir as inquietações com que nos deparamos na ação sobre a paisagem: o valor da vida e dos sistemas primordiais que a sustentam, o ar, a água, o solo, a circulação e a diversidade dos seres vivos; o princípio da necessidade constante de renovação da paisagem, em resultado da interação entre a cultura e a natureza, a sua cristalização conduz à decadência e morte; o valor dos recursos por serem escassos e em parte finitos; o princípio de que a proporção é a medida na conjugação da matéria e na definição do espaço;

Ao longo dos últimos setenta e seis anos, tendo como referência a formação do curso em 1942 por Francisco Caldeira Cabral, atravessando do séc. XX para o século XXI, a Arquitetura Paisagista provou ser útil e relevante para o entendimento e evolução da paisagem, podendo orgulharmo-nos do legado deixado. A narrativa que a Paisagem Portuguesa, e não só, tem para contar, não prescinde da abordagem da nossa ação e das nossas razões.

Mesmo questionando as evidências das alterações climáticas, a simples constatação que o planeta alberga já mais de 7 biliões de pessoas, o dobro do que tinha em 1970, deverá ser suficiente para tomarmos consciência do imenso trabalho que nos aguarda.

As muitas e profundas mudanças que o território aguarda, o desejo de experimentar e criar que nos move, dão-nos razão para resistir e dar continuidade ao corpo de conhecimento a que pertencemos, o da Arquitetura Paisagista.



3 - Festividades de primavera no Rio Ashiya, município de Ashiya [Hyogo], Hiroshik, *Panoramio* 2006/4

Estamos a viver tempos de difícil enunciação, onde a todo o momento nos questionamos sobre os valores e princípios que nos orientam, que modelos de ação política, social e cultural fazem sentido para existir e evoluir. Faz sentido mantermos a ideia de um corpo de conhecimento que nos agrega, o da Arquitetura Paisagista. Esse corpo que informa e forma, defende valores e princípios fundamentais para diluir as inquietações com que nos deparamos na ação sobre a paisagem: o valor da vida e dos sistemas primordiais que a sustentam, o ar, a água, o solo, a circulação e a diversidade dos seres vivos (...)

We are living times that are difficult to classify, at every moment questioning our guiding principles and values, what political, social and cultural models for action make sense for existence and evolution. It makes sense to hold on to the idea of a body of knowledge that brings us together, that of Landscape Architecture. This body informs and shapes, defends fundamental principles and values that reduce the restlessness with which we contemplate work on the landscape: the value of life and the primal systems that sustain it, air, water, soil, circulation, and the diversity of living beings (...)

A Água

Actor e sistema na re-invenção de paisagem

Water — Actor and system for the re-invention of landscape

Teresa Alfaiate

/20



A Água é um elemento estruturante singular, um integrador e construtor de paisagem capaz de interrelacionar os seus conteúdos naturais e culturais e de activar e suportar, reciprocamente, as suas dinâmicas.

O desenho urbano requer cada vez mais interpretar e agir processualmente no espaço, menos pela estrita afirmação formal e mais na sua capacidade formativa. No seu papel matricial na constituição de paisagem, a água, é recorrentemente motivo, no designar de estrutura e, substratum, determinante em todas as suas concretizações e dinâmicas. Construir a paisagem, abrindo hipóteses flexíveis, a partir dos conteúdos que explicam e asseguram os movimentos da água, garantindo a sustentabilidade de sua operação e, na revelação intencional e poética, de uma identidade e contexto cultural determinado.

Construir a água é uma forma de instaurar e designar Paisagem. O processo de compreensão do meio natural não precede necessariamente a construção, mas o facto de construir pode contribuir ou activar o seu entendimento ¹.

É este o papel crucial que a água pode ter na construção de paisagem, nomeadamente em contextos urbanos, onde temos assistido a uma intervenção fragmentária, e assintónica: os conteúdos mais intrínsecos e vinculativos no seu funcionamento e, na sua especificidade biótica e cultural, são tratados como realidades dissociadas e independentes.

Water is a singular structuring element, an integrator and builder of landscape, capable of inter-relating its natural and cultural contents and of reciprocally activating and supporting its dynamics.

Urban design requires ever more interpretation and procedural action in space, focusing less on strict formal expression and more on its formative capacity. In its defining role within the composition of the landscape, water is a recurrent motif in designating the structure and, determining substratum in all its expressions and dynamics. Building the landscape and creating flexible possibilities from the contents that explain and ensure water's movement, guaranteeing the sustainability of their operation, and, in their intentional poetic revelation, a specific identity and cultural context.

Building for and around water is a way to establish and designate Landscape. The process of understanding the natural environment does not necessarily stem from the construction, but the act of building can contribute or activate its understanding. ¹

This is the crucial role that water can have in the construction of landscape, namely in urban contexts, where we have seen only fragmented and amorphous intervention: the most intrinsic and binding aspects of its

¹ Veja-se NORBERG SCHULTZ (1979) 1981, *Genius Loci*, Ed. Pierre Mardaga, Grupo Editoriale Electa, Bruxelles, 52

A cidade é um sistema artificializado que não deixa de ser um organismo vivo, antes de mais porque enquanto seres vivos nos reproduzimos, algures, nessa aparente estrita artificialidade. E será esta ecologia integrativa, baseada na nossa sensibilidade topológica que incorpora o ambiente e a cultura, enquanto realidades imbricadas e indissociáveis, que podemos e devemos resgatar.

A água construída tem uma razão de ser, tem uma escala uma geometria, um movimento e tacteabilidade de expressão espacial própria que é também, e não por acaso, revelação poética e metafórica da natureza da existência humana. Um genuíno artefacto, agregador de um léxico exclusivo, gerado numa matéria da natureza e actor de uma integridade própria. Álvaro Siza expressa magistralmente esta ideia «A Natureza – criadora do Homem – e o Homem – inventor da Natureza – absorvem tudo, incorporando ou rejeitando o que os afecta ² ».

A lembrança e memória da água ³ permite-nos, entender, recompor e perspectivar a sua sucessiva expressão e "fixá-la" como



acervo das nossas produções imaginativas, no espaço e tempo, enquanto Eventos de Paisagem. Por outro lado, a Água promove fluxos, movimentase no diferencial entre espaços distintos, unificando-os por redes e sistemas que se expandem, activam e, são activados pela paisagem.

A água desempenha o papel, literal e metafórico, de um irrigador na paisagem enquanto revelador e catalisador, do seu movimento e potencial, que apresenta a sua própria lógica e processo intrínseco de variação e produção.

Uma boa parte dos espaços da Cidade de Lisboa são um produto quase imediato, da sua condição geomorfológica, da tensão da topografia, das dinâmicas hidrogeológicas e hidrológicas revelados nos trilhos aparentes e ocultos da água, dos contrastes da vegetação, da variação e intensidade da luz, da geometria e textura das matérias vivas e minerais que constroem a sua arquitectura. Assim mesmo, em qualquer circunstância mas em particular neste contexto mediterrânico, a Água é o elemento crucial que mais a determina.

Se olharmos com atenção no reportório de acidentes urbanos e contra-sensos a que a região metropolitana de Lisboa tem sido sujeita e também, tudo aquilo que ela contém de mais diferenciador e exclusivo, na expressão da genialidade do lugar, inscrito e descrito recorrentemente de uma forma única, há um actor preponderante e magnânime - A ÁGUA.

functions, as well as its biotic and cultural specificity, are treated as independent, unrelated realities.

A city is an artificial system that is also a living organism because if nothing else, as living beings, we reproduce, somewhere, in that apparently complete artificiality. It is this integrating ecology that we can and should recover, based on the topological sensibilities that pervade our atmosphere and culture as intertwined and indissociable realities.

The built water it has a reason for being a scale and geometry, movement and tactility to their unique spatial expressions that is also, not by chance, a poetic and metaphorical revelation on the nature of human existence. A genuine artefact, aggregator of an exclusive vocabulary, generated from the stuff of nature and an actor with its own integrity. Álvaro Siza expresses this idea masterfully: "Nature - creator of Man - and Man - Inventor of Nature - absorb all, incorporating or rejecting that which affects them". ²

The recall and memory of water³ allows us to understand, re-configure and put into perspective its continued expression, "fixing" it as the archive of our imaginative creations in space and time as Landscape Events.

On the other hand, Water encourages flow, moves in the differential between distinct places, unifying them through networks and systems that expand, activate, and are activated by the landscape.

Water performs the role, both literal and metaphorical, of a landscape irrigator as revealer and catalyst of its movement and potential, with its own logic and intrinsic processes for variation and production.

A large part of the City of Lisbon's spaces are an almost immediate product of their geomorphological condition, of topographic tensions, of hydrologic and hydrogeologic dynamics revealed in both the hidden and evident waterways, of the vegetation's contrasts, of the variation and intensity of light, of the geometry and texture of the living matter and minerals that compose its architecture. In any circumstance, but in particular within this Mediterranean context, Water is the city's most crucial and defining element.

If we pay close attention to the slew of urban accidents and nonsensical actions that the metropolitan area of Lisbon has been subjected to, to all the most distinctive, exclusive, and expressive traits and genius of a place recurrently described as unique, there is one grand and towering actor - WATER.

We remember the floods in Alcântara Valley, in Sete Rios, and the Praça de Espanha; engines pumping water from the foundation of some buildings in Av. da Liberdade; the compromised wooden beam structure from the 'Pombaline' period that supports the Baixa neighborhood; the rupture of sewage pipes and contamination of pristine Alfama water; the impermeabilization of open spaces in Avenidas Novas and Alvalade, with their loss of biotic life and of the recharge from productive aquifers; infrastructures overloaded with rainwater, insistently filling the sewers despite our washing the streets and putting out fires with water from Bode Castle; the completely dry standpipes and fountains of the Águas Livres Aqueduct... Let's stop here, it would be an endless text.

² Álvaro Siza, in SIZA, A. 2009, 01 textos, Ed. Carlos Campos Morais, Civilização, Porto, p.299.

³ veja-se SPELLMAN, C.2003, *Reveries with Water in Re-Envisioning Landscape Architecture*, ACTAR, Barcelona. Catherine Spellman refere-se à memória da água equacionando que - Trad. livre - a memória existe em "layers, não sequenciais que se sobrepõem entre si, alterando o que e a forma, como conhecemos uma situação.



Lembramos. as cheias no Vale de Alcântara, de Sete Rios e da Praça de Espanha, os motores a bombear água, das fundações de alguns edifícios da Av. da Liberdade, a estacaria da gaiola pombalina, comprometida na Baixa, a rotura das canalizações e contaminação das águas de excelente qualidade, em Alfama, a impermeabilização dos logradouros das Avenidas Novas e de Alvalade, com a perda da vida biótica desses espaços e de recarga de aquíferos produtivos, a sobrecarga das infraestruturas com água pluvial, insistentemente enviada para o esgoto apesar de lavarmos ruas e apagarmos fogos com água transportada de Castelo de Bode, os fontanários e chafarizes do Aqueduto das Águas Livres em total secura. Enfim, vamos parar por aqui, seria um texto infundável....

Mas tão só, o esplendor e magnitude do Mar da Palha, alargamento singular, vastíssimo vazio, que reflecte e amplifica a Cidade, a entrada na barra, única quando experienciada e recorrentemente referida, o Miradouro do Adamastor, no Alto de St Catarina e a Capelinha de S. Jerónimo, sacralizada num passado de descobertas áureas, a estrutura hidráulica imponente do Aqueduto das Águas Livres e, o complexo e belíssimo conjunto de arquitecturas hidráulicas que a este se associam ... e seriam muitíssimos mais os Eventos de Paisagem que cunham uma cidade construída e vivida, no seu registo cultural, espacial e telúrico, em torno da presença da Água.

A preservação, o uso equilibrado e revelação da Água na paisagem implica uma abordagem holística e sistémica considerando a sua dimensão global - como matéria, espaço e tempo (evolução, ciclicidade e memória)- interpretando-a, como motivo e consequência da especificidade do sítio e das suas potenciais possibilidades, na execução da sua unicidade.

Paisagem é uma ideia intrinsecamente total e dinâmica e, de uma forma aparentemente antagónica, material e imaterial. A condição do seu ser apoia-se indelevelmente no fluxo, na troca fluida que a atravessa, enquanto activador energético de recombinações e momentâneas articulações e, como modelador da sua expressão, quer a nível espacial quer mental. Um sistema aberto, permanentemente em movimento, heterogéneo e espacialmente interligado, onde ocorrem circunstanciais, oportunidades, campos de relação, atracção, conexão, reciprocidade e rejeição.

Continuamos a basear-nos num urbanismo funcionalista, mais ou menos cartesiano, pautado por uma narrativa asséptica e supostamente

Mar da Palha

But on the other hand, the splendour and size of the Mar de Palha, a singular widening of the river, a vast emptiness reflecting and amplifying the City; the entrance to the bar, an experience recurrently mentioned as unique; the Adamastor belvedere, atop the Santa Catarina hill; the S. Jerónimo chapel, sanctified in the golden age of past discoveries; the imposing hydraulic structure of the Águas Livres Aqueduct and the beautiful and complex set of hydraulic architecture associated with it... and there would be many more Landscape Events to define a city built, and living, from cultural, spatial and tellurian aspects around the presence of Water.

The preservation, equilibrated use and disclosure of water in the landscape requires a holistic and systematic approach, considering its global scale — as matter, space, and time (evolution, cyclicity and memory) — interpreting it as the cause and effect of the specificity of the location and its potential in its unique existence.

Landscape is an intrinsically whole and dynamic idea, and, in an apparently contradictory sense, both material and immaterial. The condition of its being depends indelibly on flow, the fluid exchange that courses through it, as an energizing activator for recombination and momentary connections, and as modeller of its own expression, whether spatially or mentally. An open system, in permanent movement, heterogeneous and spatially interconnected, home to circumstance, opportunity, relationship fields, attraction, connection, reciprocity and rejection.

We continue to base our work on functionalist urbanization, more or less cartesian, underscored by an aseptic and supposedly thorough narrative of the 'city' phenomenon, perceiving as some other reality than what it is — Landscape. A critical eye is required to recognize and assimilate the complexity, variety and wholeness that defines it intrinsically. A topological approach, attentive to and differentiating of the characteristics of places, aims to integrate its material reality with its natural, social, existential, and



rigorosa do fenómeno cidade, entendendo-a como outra realidade que não, em si própria – Paisagem. Requer-se a capacidade crítica capaz de reconhecer e interiorizar a complexidade, multiplicidade e unicidade que a designa intrinsecamente. Uma abordagem topológica, atenta e diferenciadora das qualidades dos lugares, pressupõe integrar a sua realidade material e natural, social, existencial e simbólica, num quadro de vida e, entrar em sintonia com as dinâmicas que lhes estão subjacentes. Uma ética do reconhecimento do sítio, que em nada compromete, antes catalisa e qualifica, a arquitectura do potencial lugar que este encerra.

Concluindo, a singularidade da água concede-lhe um papel determinante e estratégico na composição e regeneração do sistema urbano, que passa pelo seu duplo papel de integradora e construtora da Paisagem, quer como substancia natural essencial à vida e ao seu funcionamento, quer como artefacto e relator poético da sua profundidade, temporal e cultural.

A Água precisa ser entendida sistemicamente, de forma a integrar e correlacionar os processos da sua evolução e comportamento, no espaço e no tempo, sintonizando linhas de actuação que considerem as especificidades, quer bióticas quer arquitectónicas e culturais, que a ligam aos lugares e, a potencial reciprocidade entre as dinâmicas naturais e culturais que estes encerram.

A reinvenção e construção da paisagem pressupõe metodologias e ferramentas não convencionais adaptadas à sua condição momentânea, e à sua constante dinâmica, quer ao nível da sua representação e implícito conhecimento, quer na rerepresentação e selecção de estratégias operativas, que a perspectivem processualmente e abram espaço, para a incorporação da imprevisibilidade e indeterminação, a integração da experiência, da vivência e, co- participação das comunidades urbanas.

O conhecimento da qualidade e complexidade dos processos, da sua vulnerabilidade e eventuais limitações funciona, de forma aparentemente paradoxal, muito mais como catalisador que dissuasor intencional do desenho urbano, entendendo-se a necessidade de a construção adquirir uma linguagem arquitectónica, capaz de gerar significado, diferenciar e designar contemporaneamente o espaço / paisagem.

Uma visão conjunta, ancorada no entendimento das dinâmicas da substância metropolitana e, simultaneamente especializada no carácter

symbolic nature in a life framework, becoming harmonious with its underlying dynamics. An ethics for recognition of a location which, rather than compromising it, instead serves to catalyse and qualify the potential architecture of that place.

In conclusion, the singularity of water grants it a determining and strategic role in the composition and regeneration of an urban system with its double role as an integrating and structural agent of the Landscape, as a natural substance essential to life and its functions, and as an artefact and poetic narrator of its cultural and temporal depth.

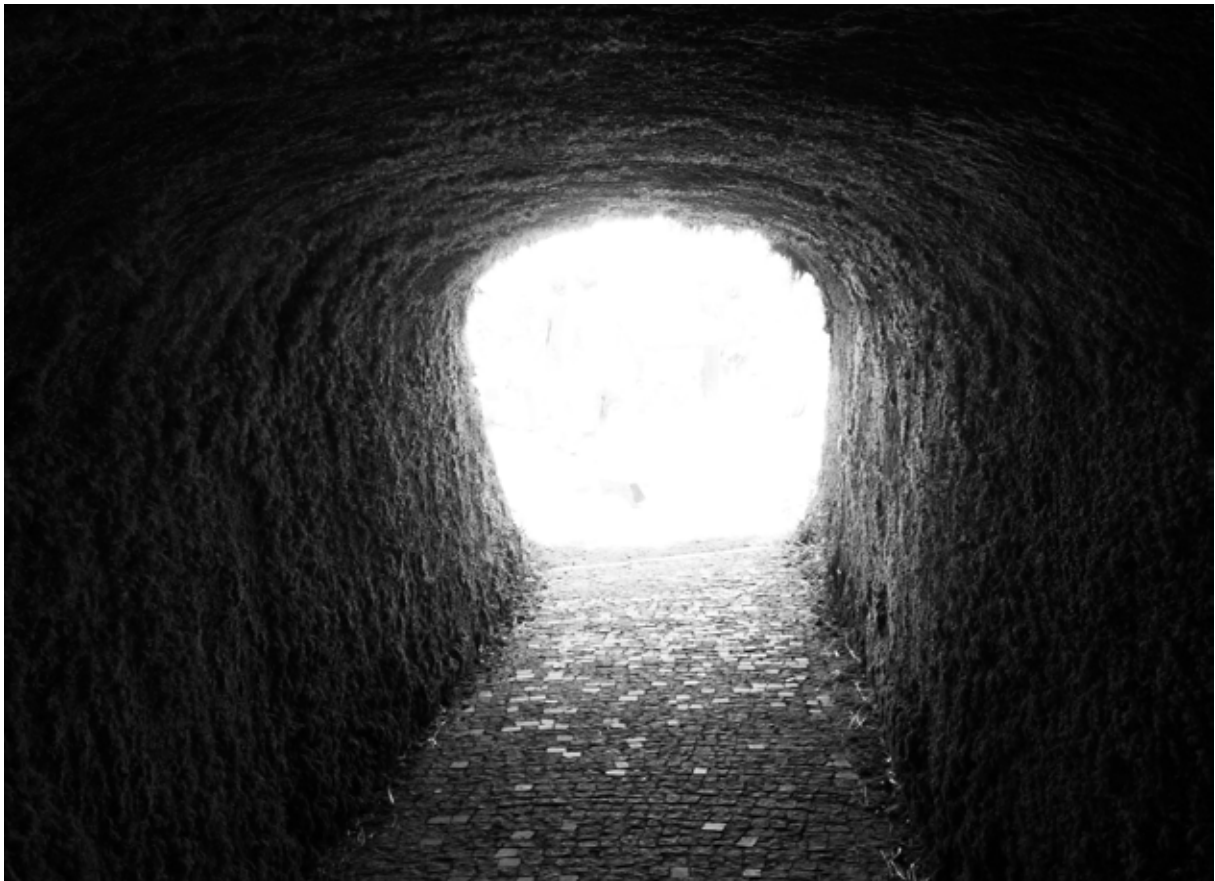
Water must be understood systemically so as to integrate and correlate the processes of its evolution and behavior in time and space, tuning action plans to consider the specific needs, whether biotic, architectural or cultural, that bind it to places, and the potential reciprocity between natural and cultural dynamics that these places hold.

The reinvention and construction of landscape assumes non-conventional methodologies and tools adapted to their immediate condition and its constant dynamics, whether in terms of representation and implied knowledge, or the resubmission and selection of operational strategies that look at it procedurally and make space for the incorporation of unpredictability and indeterminacy, integrating experience, life-living, and urban communities partaking.

Awareness of the quality and complexity of the processes, of their vulnerabilities and limitations, works, in an apparently paradoxical way, much more as a catalyst than an intentional deterrent to urban design, given that the need for construction to acquire an architectural language is understood, enabling it to generate meaning, differentiating and designating spaces and landscapes in contemporary ways.

A joint vision anchored in the understanding the dynamics of the metropolitan substance, simultaneously specialized in the character of places, is required to develop assumptions on quality and sustainability, in the holistic sense of the terms.

In Lisbon, the absence of this systemic approach and the loss of its human



/24

Um Plano Integrado da Água, cuja ausência menciono há anos, é uma urgência ecológica, cultural, social e vivencial determinante na experiência frutífera e equilíbrio da Paisagem de Lisboa.

dos lugares, é indispensável para gerar pressupostos de qualidade e sustentabilidade, no sentido holístico destes conceitos.

Em Lisboa, a ausência desta leitura sistémica e a perda da sua dimensão humana e social têm, frequentemente comprometido a sua saudável reinterpretação. Os processos naturais podem sustentar e dinamizar espaços de acção urbana e, vice-versa, espaços de acção urbana, podem catalisar, garantir e revelar os processos bióticos que nelas se inscrevem.

Um Plano Integrado da Água, cuja ausência menciono há anos, é uma urgência ecológica, cultural, social e vivencial determinante na experiência frutífera e equilíbrio da Paisagem de Lisboa.

A Água permite interligar um par de opostos - construir fixando o lugar/paisagem e construir activando-o, dinamizando-o e projectando-o para além dele próprio.

Por todos estes motivos é inegavelmente um instrumento crucial e de uma operatividade única na revelação, na garantia da continuidade e, na dinamização e Re-invenção sucessiva, da Paisagem.

An Integrated Plan for Water, the absence of which I have referred to for years, is an ecological, cultural, social and experiential urgency, a determining factor in the fruitful experience and balance of the Landscape of Lisbon.

and social dimension have frequently compromised a healthy reinterpretation. Natural processes can sustain and invigorate social spaces, and vice-versa: social spaces can catalyse, guarantee and reveal the biotic processes within them.

An Integrated Plan for Water, the absence of which I have referred to for years, is an ecological, cultural, social and experiential urgency, a determining factor in the fruitful experience and balance of the Landscape of Lisbon.

Water allows us to interconnect a pair of opposites — building to fixate the place/landscape and building to activate it, enhancing it and projecting it beyond itself.

For all these reasons, water is undeniably a crucial instrument with a unique operational role in the discovery, assurance of continuity, dynamization, and continued Re-invention of the Landscape.

Topografia

Topography

João Nunes

Topografia significa literalmente o registo gráfico de um lugar, de um pedaço de terra, de um pedaço da Terra e o sentido do termo está geralmente mais próximo da ideia de levantamento, de registo do existente, do que da investigação ligada às possibilidades da transformação do existente.

A prática profissional de um Arquitecto Paisagista exige enormes tempos de verificação do projecto e, não raras vezes, o que parecia um enorme disparate nos tempos imediatamente seguintes ao da construção, revela-se inteligente depois de um dado número de anos, ou, infelizmente, também no sentido inverso, o que parecia uma invenção notável nos primeiros anos de vida de uma obra, revela-se, com o tempo, um tremendo disparate.

Esta condição do exercício da profissão determina que um profissional activo se sinta aprendiz até muito tarde, tateante nos erros e inseguranças de uma profissão difícil e muito tardiamente confortado pela segurança que, finalmente, falhanços e sucessos, conjuntamente constroem.

No contexto humilde e escasso da minha experiência pessoal, e chegado agora a um momento da vida e da carreira em que, finalmente, a revisão das obras executadas me expõe erros vários, ingenuidades, rotundos falhanços e algumas confirmações de intuição, reitera-se com alguma persistência um dos princípios basilares dos trabalhos que me foi dada a oportunidade de fazer, princípio que articula uma convicção pessoal em relação ao que é um projecto de paisagem, e, consequentemente, em relação ao método de trabalho.

Desde que consegui encontrar uma direcção orientadora para o meu trabalho que sempre tentei que um projecto de paisagem fosse uma configuração metabólica de um processo que pudesse conduzir de forma controlada a uma sucessão de imagens no tempo. Isto é, que os argumentos projectuais fossem processuais, organizadores estratégicos de princípios de condução o mais autónoma possível da transformação no tempo de sistemas dinâmicos complexos, em vez de, correspondendo a uma metodologia emprestada de disciplinas irmãs, como a Arquitectura de edifícios e a Engenharia de estruturas, serem formulações de acções concretas de organização de elementos concentradas num momento preciso do tempo.

Este interesse fez com que, de diferentes formas e utilizando diferentes argumentos, a investigação ligada a um projecto, e centrada assim nas circunstâncias concretas de um lugar, de um programa, de uma comunidade, de um problema concreto para resolver, fosse presidida por uma investigação de carácter abstracto, ligada a interrogações sobre quais os argumentos passíveis de conseguir desempenhar o papel de vectores de diferenciação, de inoculação de princípios de contínua transformação nos sistemas vegetais com que trabalhávamos, que consequências tais transformações poderiam produzir em termos de percepção dos espaços e de construção do espaço arquitectónico, e de que maneiras e em que direcções o processo dinâmico inoculado continuaria a produzir espaços diferentes ao longo do tempo.

Esta investigação fez com que se explorassem caminhos relacionados com argumentos como a Salinidade, as Condições Hídricas, a Exposição Solar e a Radiação Recebida, o Declive, a Profundidade do Solo, as Condições de Drenagem, e alguns outros que combinavam

Topography literally means the graphic register of a site, of a piece of land, of a piece of Earth, and generally, the sense is closer to the idea of survey, of a record of the existent, than to the investigation connected to the possibilities of the transformation of the existent. The professional practice of a Landscape Architect demands extensive periods of verification of a project, and not infrequently, what appeared to be an enormous nonsense in the immediate time after the construction, arises as an intelligent solution after a number of years; or, unfortunately, also the inverse, what appeared as a formidable invention in the first years of the constructed project, reveals itself, through time, a dire nonsense. This condition of the profession's practice determines that an active professional feels like an apprentice till late in life, groping through the errors and insecurities of a difficult profession, and belatedly comforted by a security which, at last, failures and successes jointly create. In the humble and scarce context of my personal experience, and reaching a moment in life and in my career where, finally, the revisitation of executed projects presents me diverse errors, ingenuities, formidable failures and some confirmations of my intuitions, it is reiterated with significant persistence one of the pivotal principles of the work I have been given the opportunity to develop. This principle articulates a personal conviction concerning what is a landscape project and, consequently, concerning a work methodology. From the moment I achieved a grounding guideline for my practice I always pursued a landscape project that was a metabolic configuration of a process which could conduct in a controllable manner a succession of images in time. Meaning that the project arguments were intrinsically a process, strategic organizers of an aimed autonomous conducting of the transformation through time of complex dynamic systems, rather than borrowing methodologies from neighbouring disciplines like Architecture, Structural Engineering, which formulate concrete actions of organization of elements, condensed in a precise moment in time. This concern has determined that, in different manners and using different arguments, the investigation connected to a project, and therefore centred in the concrete circumstances of a site, of a program, of a community, of a concrete problem to solve, were presided by an abstract investigation, linked to interrogations on which arguments would achieve the role of differentiating vectors, of inoculation of principles of continuous transformation in the vegetation systems with which we worked with, what consequences such transformations could produce regarding the perceptions of spaces and construction of the architectonic space, and in what ways and in which directions the dynamic and inoculated process would continue to produce different spaces through time. This investigation has allowed different routes to be explored with arguments such as Salinity, Hydrological Conditions, Solar Orientation and Received Radiation, Slope, Soil Depth, Drainage Conditions, and others which combined the above mentioned arguments as

estes argumentos entre si, como formas de pré-desenhar um espaço arquitectónico, ou uma sucessão controlada de espaços numa dinâmica transformativa, como maneiras de condicionar o funcionamento dos sistemas vegetais e da imagem e outras condições perceptivas que lhe correspondem, de forma a que o projecto fosse o enunciador dessas condições de funcionamento, e a construção o lançar dos pontos de partida para um funcionamento previsível e controlado mas fundamentalmente autónomo. Em todos esses argumentos a Forma da Terra, a Topografia era determinante.

Por outro lado, do que a minha condição actual de aprendiz serôdio me permite afirmar, o projecto de Paisagem funciona a tempos diferentes, sendo que, se é importante o tempo longo do projecto maduro, da construção em que as árvores já atingiram os seus estados dimensionais de maturidade e em que as relações espaciais entre elas, determinantes do espaço arquitectónico, se estabilizaram, não pode ser menor a importância dos primeiros anos de um projecto construído, em que os argumentos espaciais não podem ser apoiados nas condições do extracto arbóreo. Neste primeiro tempo, a importância da Topografia enquanto argumento espacial imediato e de enorme potência é evidente. O argumento morfológico ligado à possibilidade de manipular artificialmente a forma da terra constitui, assim, um instrumento projectual de enorme interesse enquanto definidor de condições processuais elementares e, consequentemente, definidor de diversidade, motor de transformações e derivas, mas é, ao mesmo tempo, argumento plástico de imediata e persistente evidência.

Constitui, assim, simultaneamente, instrumento da invenção projectual no que ela poderá encerrar de mais dinâmico e processual, e argumento formal, espacial e estático de uma dimensão convencionalmente arquitectónica do projecto. Por outro lado ainda, é assinalável a diversidade de escalas em que o argumento Topográfico é determinante: retendo do exposto a relevância do tema no desenvolvimento da ideia projectual, um olhar sobre a escala territorial reitera a posição central do tema nos assuntos relacionados com Paisagem:

O que Topografia refere é um sistema de representação relativo à forma da Terra, espontânea ou atribuída. Funciona como origem para a definição de relações entre novos sistemas e a Terra, da mesma forma que descreve e permite explicar relações existentes.

Topografia permite descrever todas as relações directa ou indirectamente implicadas com o metabolismo da água, com a sua velocidade, com todos os aspectos do funcionamento hidrológico e com todas as relações entre vegetação e aspectos hídricos, e constitui também instrumento de leitura estrutural da paisagem pela definição de linhas de articulação, de maior ou menor relação entre espaços, de descontinuidade estrutural no desenho das unidades básicas de paisagem correspondentes às bacias hidrográficas.

À escala do território, Topografia permite descrever e explicar grandes relações espaciais, identidades, padrões de distribuição de características precisas da paisagem e, no domínio do Antrópico, parâmetros fundamentais da relação Homem-Território justificando assimetrias, explicando o surgir e o desaparecimento de cidades, o demarcar de fronteiras e de fluxos, tornando evidentes padrões da geografia humana e cultural, explicando batalhas e guerras...

E, onde quer que o artifício resgata o Homem dos sacrifícios da Natureza, onde quer que o braço do Homem se agiganta para desenhar e esculpir a invenção colectiva que se eleva à escala da Natureza, contrapondo-se a ela ou associando-se habilmente às suas energias e tendências, e resolvendo assim os maiores desafios de sobrevivência, traçando terraços nas encostas, drenando pântanos, cobrindo serranias selvagens de vinhedos, domesticando plantas e animais, a Forma da Terra é o argumento inicial de trabalho, pedra angular de um edifício por vezes imperceptível, quando o Artifício cumpre o mais alto desafio – o de ser tão autónomo quanto qualquer processo natural.

ways of pre-drawing an architectonic space, or a controlled successions of spaces in a transformative dynamic, as ways of conditioning the functioning of the vegetation systems, of the image and other perceptive conditions which correspond to it, hence stating the project as a declaration of the functioning conditions, and the construction as the launching of the roots for a predictable and controllable functioning, however fundamentally autonomous. In all those arguments, the Shape of the Earth, Topography was pivotal. On the other hand, from what my condition of tardy apprentice allows me to claim, the Landscape project functions in different timings, given that, if the long term of the matured project is fundamental, the construction of the trees which have reached their matured dimensions and in which the spatial relations between them, pivotal in the architectonic space, have established themselves, one can not diminish the importance of the primary years, in which the spatial arguments cannot be sustained through the conditions of the arboreal stratus. In primary years, the importance of Topography as an immediate and powerful spatial argument is clear. The morphologic argument connected to the possibility to artificially manipulate the shape of the site constitutes, therefore, a project instrument of enormous interest as a defining actor of elementary process conditions and, consequently, defining actor of diversity, catalyst of transformations and drifts, while being, at the same time, a plastic argument of immediate and persistent presence. It constitutes, therefore, simultaneously, an instrument of project invention in its most dynamic and process oriented character, and a formal argument, spatial and static of a conventionally architectonic project dimension. Furthermore, it is also remarkable the diversity of scales in which the Topographic argument is pivotal: retaining the relevance of the topic in the development of the project idea – as described above – a territorial approach reiterates the central position of the topic in the subjects connected to Landscape. What Topography refers is an existent system of representation of the shape of the Earth, spontaneous or attributed. It functions as an origin for the definition of relations between new systems and the Earth, in the same way it describes and allows to explain the existent relations. Topography allows to describe every relation directly or indirectly connected with the metabolism of water, its speed, with all hydrologic functioning aspects, and with all relations between vegetation and hydrological aspects, and it also constitutes an instrument of structural reading of landscape through the definition of articulation lines, with greater or smaller relation between spaces, of structural discontinuity in the drawing of basic units of landscape which correspond to drainage basins. At a territorial scale, Topography allows to describe and explain the greater spatial relations, identities, patterns of distribution and precise characteristics of landscape and, within the realm of the Anthropoc, fundamental parameters of the relation Man-Territory, justifying asymmetries, explaining the arising and disappearance of cities, the delineation of boundaries and flows, making evident patterns of human and cultural geography, explaining battles and wars... And, wherever the craft rescues Man from the sacrifices of Nature, wherever the arm of Man becomes colossal in order to draw and carve the collective invention which rises to the scale of Nature, opposing to it or skilfully associating to its energies and trends, and thus solving the biggest challenges to survival, drawing terraces in slopes, draining swamps, covering wild mountains of vineyard, taming plants and animals, the Shape of the Earth is the initial argument of work, corner stone of an often indistinguishable building, when Craft fulfils the highest challenge – being as autonomous as any other natural process.

“A paisagem é a cara humana que a natureza nos reenvia”¹

“The landscape is the human face nature reflects back to us”¹

Leonor Cheis



Vale de Alcântara — Litografia do século XVII, litografia colorida, desenho de Noel e gravura de Wells
[Fonte: Museu da Cidade]

/27

O vale de Alcântara é o mais importante vale da cidade de Lisboa, ocupando uma área com cerca de 3.500 hectares. Com uma ocupação milenar, a sua paisagem reflete em cada momento, a expressão da sociedade no território.

A origem da ocupação do vale de Alcântara remonta à pré-história e estende-se até à actualidade. Vestígios de feitorias fundadas por fenícios, gregos e cartagineses são conhecidos no estuário do Tejo e existem referências a antigos portos fluviais na zona hoje designada como Alcântara. Apesar do topónimo Alcântara (ponte) ser de origem árabe, foi durante a ocupação romana que neste lugar, então designado como Horta Navia, se construiu a ponte entre as duas margens da ribeira, elemento estruturante e agregador, que viria a determinar o crescimento urbano desta área.

Durante séculos a ocupação foi dispersa, polarizada em grandes quintas de terrenos férteis. Descrições do séc. XII referem estes arrabaldes da cidade com vinhas, oliveais, figueirais. Os vales eram ocupados por searas, hortas, meloais e também matagais de onde irrompiam javalis. Na periferia da cidade nada haveria inculto.²

A paisagem manteve-se com um carácter agrícola até à 2ª metade do século XVIII, período a partir do qual, o investimento no sector da indústria foi definido como motor da regeneração da economia local.

Com a instalação de fábricas curtumes, estampagem e tinturaria todos os efluentes eram conduzidos para a ribeira. A crescente urbanização conduziu ao aumento de esgotos domésticos lançados directamente para

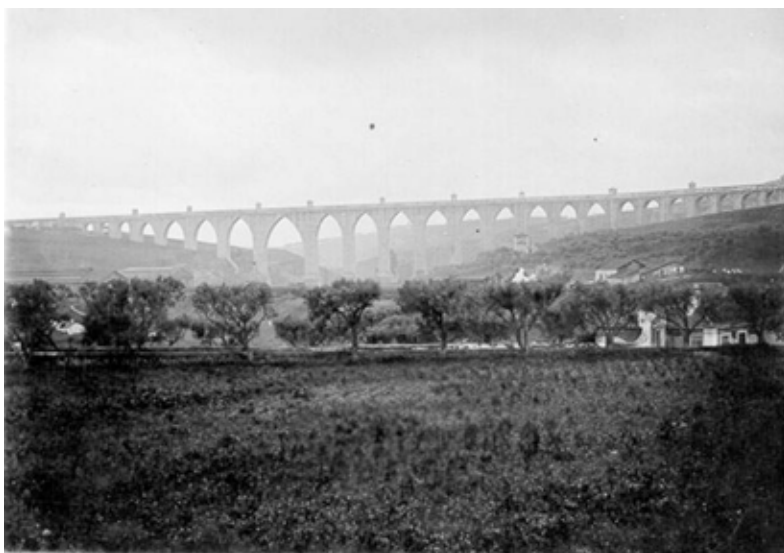
The Alcântara valley is the most important of its kind in the city of Lisbon, spanning an area of roughly 3,500 hectares. Having been occupied for millennia, its landscape reflects the impact of the area's society at every moment. The origins of Alcântara valley's occupation date back to prehistory through to the present day. Traces of Phoenician, Greek and Carthaginian trading posts have been uncovered in the Tejo estuary, and there are references to ancient river ports in the area defined today as Alcântara. Despite the arab origins of the name Alcântara (bridge), it was during Roman occupation that in this place, known then as Horta Navia, the bridge was built between the two shores of the creek. This aggregating, structural feature of the land became the determining factor of the area's urban growth.

For centuries, occupation was scattered, focused around large farms with fertile soil. Descriptions from the 12th century refer to vineyards, olive, and fig orchards in these outskirts of the city. The valleys were dominated by meadows, vegetable gardens, melon patches, and scrublands where boars ran free. Nothing went uncultivated in the city's surroundings.²

The landscape remained agricultural in nature until the 2nd half of the 18th century, after which investment in its

¹ Citação de Eduardo Lourenço na sessão de homenagem ao Prof. Gonçalo Ribeiro Telles, no dia 6 de dezembro de 2011, na Fundação Calouste Gulbenkian;

² Coelho, A. B. [1994] – *O domínio germânico e muçulmano*. O Livro de Lisboa. Ed. Livros Horizonte. Lisboa 1994.



Vale de Alcântara — 1912
[Fonte: Arquivo Fotográfico Municipal]

a ribeira, o que levou ao seu encanamento durante os anos 40 e à construção do Caneiro de Alcântara, uma imensa infra-estrutura que no início do século XX se estendeu desde o concelho da Amadora até ao rio Tejo.

O início da segunda metade do século XX é marcado pela construção de grandes infra-estruturas rodoviárias que rasgando a malha existente, modificam profundamente a fisionomia do vale. Hoje, coexistem no vale de Alcântara múltiplos sistemas de fluxos – ar, água, rodoviários, ferroviários e biológicos. Densamente construído pela intensa ocupação urbana, o seu ciclo hidrológico foi modificado, substituindo-se o sistema de drenagem natural por grandes infra-estruturas de drenagem, que actualmente se encontram sobrecarregadas e progressivamente sub-dimensionadas.

A construção do caneiro de Alcântara permitiu resolver problemas sanitários, originadas pelas descargas de efluentes domésticos, mas anulou a riqueza e complexidade associada aos sistemas ribeirinhos, que importa recuperar. O Plano de Urbanização de Alcântara propôs o início da reabilitação do 'Sistema Húmido' através da instalação de um sistema de jardins ripícolas desde a zona da ETAR até ao rio Tejo numa área total de 59.078m². Este sistema de jardins tem diversas funções: retenção de águas das chuvas, amortecimento do caudal pluvial e infiltração e constituem simultaneamente elementos estruturantes da rede de espaços colectivos, integrando múltiplas dimensões:

- o sistema de drenagem pluvial local, através do aumento das áreas permeáveis, reduzindo o escoamento superficial;
- o sistema de mobilidade suave – possibilitando uma rede complementar de percursos pedonais e cicláveis associados à estrutura jardins da cidade e,
- o sistema da continuidade ecológica, como suporte da estrutura de arborização e de espaços orgânicos permeáveis, contribuindo para a criação de biótopos representativos à escala da cidade.

Esta proposta por si só não permite resolver o problema das inundações em Alcântara, que ocorrem sempre que há coincidência de chuvadas de forte intensidade com a maré cheia. A impossibilidade de desviar parte dos caudais do caneiro de Alcântara para a superfície, sempre que este entra em sobrecarga, deve-se ao facto do caneiro transportar caudais unitários - simultaneamente esgotos pluviais e domésticos - e impede este sistema de funcionar na sua máxima potencialidade. Deste modo, e dado que após a sua remodelação a ETAR de Alcântara apresenta tratamento terciário, apenas os efluentes tratados poderão ser descarregados neste sistema de jardins ripícolas, funcionando as bacias como reservas para rega.

A partir desta proposta outras ambições se colocam como a de ampliar o estudo à escala do vale de Alcântara, procurando resposta para as seguintes questões: se não é possível exclusivamente no âmbito do PUA resolver a questão das inundações da zona baixa da cidade, que contributo poderá dar a promoção de áreas permeáveis no interior da

industrial aspects came to define the local economy's recovery.

The establishment of tanneries, stampers and dyers meant all their effluents were guided to the creek. Growing urbanization led to an increase in household sewage released directly into the creek, prompting the development of a plumbing infrastructure during the 1940s and the construction of the Alcântara channel, a massive structure that in the beginning of the 20th century was extended from the municipality of Amadora down to the Tagus river.

The early years of the 20th century's second half are punctuated by the construction of a large road networks that, by tearing through the existing landscape, profoundly modify the valley's physiognomy.

Today many flow systems co-exist in the Alcântara valley — air, water, road, railway, and biological networks. Built up densely through intense urban development, its hydrological cycle was modified, replacing the natural drainage system with a large drainage infrastructure, currently over capacity and increasingly below requirements.

The construction of the Alcântara channel solved the issues with sanitation created by domestic waste discharge, but at the cost of the wealth and complexity associated with riverside systems, deserving of recovery. The Alcântara Urbanization Plan (PUA) proposed the rehabilitation of the "Humid System" through the installation of a riparian garden system from the WWTP (Wast Water Treatment Plant) area down to the Tagus river with a total area of 59,078m². This garden system has diverse functions: rainwater retention, flow reduction, and infiltration; the gardens are all structural elements for the public area network, with multiple dimensions:

- *The local rainwater drainage system, through the increase of permeable areas, reducing surface runoff.*
- *The soft mobility system — allowing for a complementary network of foot and cycle paths associated with the city's garden structure and*
- *The ecological continuity system, as a support for arborization and permeable, organic spaces, contributing to the creation of representative city-scale biotopes.*

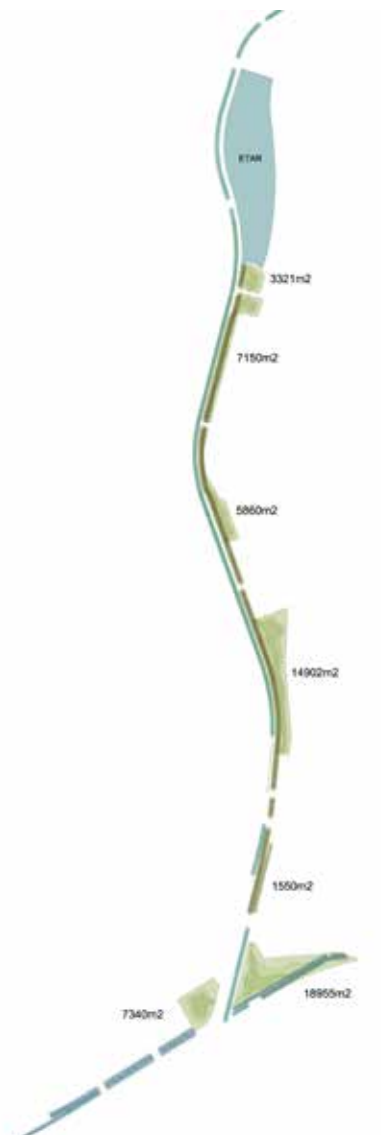
This proposal alone will not solve Alcântara's flooding problems, occurring every time that heavy rain coincides with a high tide. The impossibility of re-routing part of the Alcântara channel's flow to the surface every time it is over capacity is due to the fact that the channel's flow is unified, carrying rainwater and domestic waste simultaneously, preventing this system from meeting its full potential. In this way, given that after its remodeling Alcântara's WWTP holds a tertiary treatment facility, only treated effluents will be allowed in this riparian garden system, its basins serving as irrigation reserves.

Other ambitions extend beyond this proposal, such as widening research up to the scale of the Alcântara valley seeking the answers to the following questions:

Is it not possible to, within the scope of the PUA, solve the problems with flooding in the lower city areas? What contributions could it provide to develop permeable areas within the city, contributing to retention and/or the infiltration of part of the rainwater flow, namely through the increase of open spaces' permeability indexes? Or what the effects on Alcântara basin would be, and even at the larger city scale, of the adoption of Sustainable Drainage Urban Spaces (SUDS) and how would that result in integrated solutions for the



Vale de Alcântara — Junto à ponte do Tarujo, 1912
[Fonte: Arquivo Fotográfico Municipal]



Reconstituição do Sistema Húmido, Jardins Ripícolas
Área total = 59078m²

cidade, contribuindo para a retenção e/ou infiltração de parte dos caudais de águas pluviais, nomeadamente através da potenciação dos índices de permeabilidade dos logradouros? Ou quais os efeitos na bacia de Alcântara, e até à escala da cidade, da adopção de Sistemas Urbanos de Drenagem Sustentável (SUDS) e de que forma isso se traduziria em soluções integradas de qualificação do espaço público?

Destas reflexões aquilo que podemos inferir é que o aumento das áreas orgânicas no interior da cidade, dada a capacidade de retenção de água do solo vivo, contribui de forma significativa para a redução do escoamento superficial, para a redução da velocidade de escorrência superficial da água, para a redução da sobrecarga dos sistemas de drenagem convencional, para a filtragem das águas infiltradas³ e para a melhoria da qualidade das águas descarregadas no meio receptor, o rio Tejo.

A manutenção da permeabilidade efectiva dos logradouros no interior da cidade constitui uma medida efectiva que pode contribuir para a redução das inundações nas zonas baixas da cidade. Os logradouros da cidade, pela sua capacidade de retenção de água, funcionam como pequenas bacias de retenção até o solo vivo atingir a capacidade de campo. Estes valores são tanto mais elevados, quanto maior for o índice de permeabilidade de substratos onde ocorrem.

Assim é fundamental que não só os logradouros actualmente permeáveis no interior da cidade não sejam impermeabilizados (pela construção de caves, edificação à superfície, ou implantação de áreas de estacionamento) como deverão ser promovidas acções de desmineralização dos logradouros existentes, como acontece já em muitas cidades europeias. Simultaneamente, a adopção de soluções de Sistemas Urbanos de Drenagem Sustentável (SUDS) como bacias de retenção, bacias de infiltração, poços de infiltração, faixas e valas filtrantes, pavimentos porosos concorrem para a integração da gestão dos caudais pluviais na estrutura ecológica municipal, contribuindo para que a cidade tenda para uma reaproximação ao ciclo hidrológico natural em contexto urbano.

Nestes conceitos não há nada de novo, excepto a necessidade de se tornarem um desígnio. São ideias defendidas ao longo das últimas décadas por Gonçalo Ribeiro Telles através do conceito de Paisagem Global no qual defende a integração dos processos e dos espaços, num todo interligado e integrado: "Paisagens biologicamente equilibradas, ecologicamente estáveis, socialmente vividas e belas."⁴

development of public spaces? Given the living soil's capacity for water retention, we can infer from these considerations that the increase of organic areas in the inner city contributes significantly to the reduction of surface runoff, reduction of its speed, and lessens the overloading of conventional drainage systems. It also contributes to infiltrated water³ filtering and to the quality increase of the water discharged into the receiving medium, the Tagus river.

The maintenance of open spaces' permeability in the city's interior establishes an effective plan that can contribute to the reduction of flooding in the city's lower areas. Open spaces, because of their capacity to retain water, work as small retention basins until the living soil reaches the field's capacity. The higher the permeability index of the substrates on which they take place, the greater these values are.

It is therefore fundamental not only that currently permeable open spaces in the city's interior are not made impermeable (through the construction of basements, surface construction, or parking area development), but also that projects for the demineralization of open spaces are promoted, as is the case in many European cities. Simultaneously, the adoption of solutions for Sustainable Drainage Urban Spaces as retention basins, infiltration basins, infiltration wells, drainage canals, filter ditches, and porous pavement all contribute to the integrated management of rainwater flow in the municipal ecology, helping the city drive towards a restoration of the natural hydrological cycle in an urban context. There's nothing new in these concepts, except the need for them to be put into motion. These are ideas defended throughout the past decades by Gonçalo Ribeiro Telles through the Global Landscape concept, in which he discusses the integration of processes and spaces in an interconnected, integrated whole: "Biologically balanced landscapes, ecologically stable, lived in socially, and beautiful."⁴

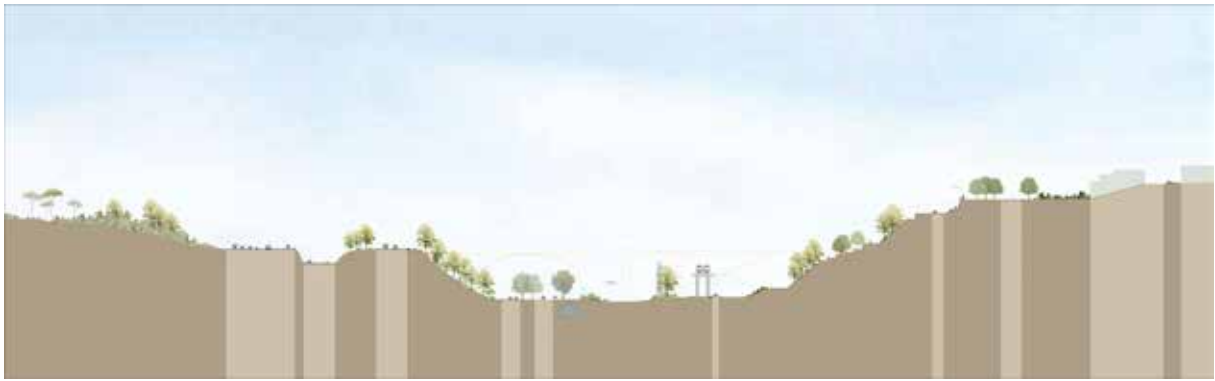
/30

Assim é fundamental que não só os logradouros actualmente permeáveis no interior da cidade não sejam impermeabilizados (pela construção de caves, edificação à superfície, ou implantação de áreas de estacionamento) como deverão ser promovidas acções de desmineralização dos logradouros existentes, como acontece já em muitas cidades europeias.

It is therefore fundamental not only that currently permeable open spaces in the city's interior are not made impermeable (through the construction of basements, surface construction, or parking area development), but also that projects for the demineralization of open spaces are promoted, as is the case in many European cities.

³ O solo vivo é equiparado a um filtro que contribui para a melhoria da qualidade das águas de recarga dos aquíferos subterrâneos nas zonas da cidade com maiores índices de permeabilidade

⁴ Ribeiro Telles, G. [1994, Abril] - *Paisagem Global: um conceito para o futuro. Iniciativa*. (número especial)



Corte transversal do Vale de Alcântara, na zona sul da Avenida de Ceuta, orientado para norte, e mostrando a encosta de Monsanto (à esquerda na imagem) e a proposta para o Parque da Encosta do Casal Ventoso (à direita na imagem) [Fonte: NPK-Arquitetos Paisagistas Associados]



Representação da bacia de retenção seca — jardim ripícola [Fonte: NPK-Arquitetos Paisagistas Associados]



Pormenor da Avenida de Ceuta. A versão preliminar do Plano, previa a redução de duas faixas de rodagem, uma no sentido ascendente e outra no sentido descendente. O espaço conquistado ao sistema rodoviário, permitia o aumento do separador central para 6m, possibilitando a plantação de um duplo alinhamento de árvores, a existência de uma vala central de captação de águas pluviais e a sua fito-depuração antes da descarga no meio receptor. [Fonte: NPK-Arquitetos Paisagistas Associados]

Paisagem resgatada

Recovered landscape

Rita Catarino e Paulo Palma



/32



vista geral da exposição "Paisagem Resgatada", inaugurada em 2015

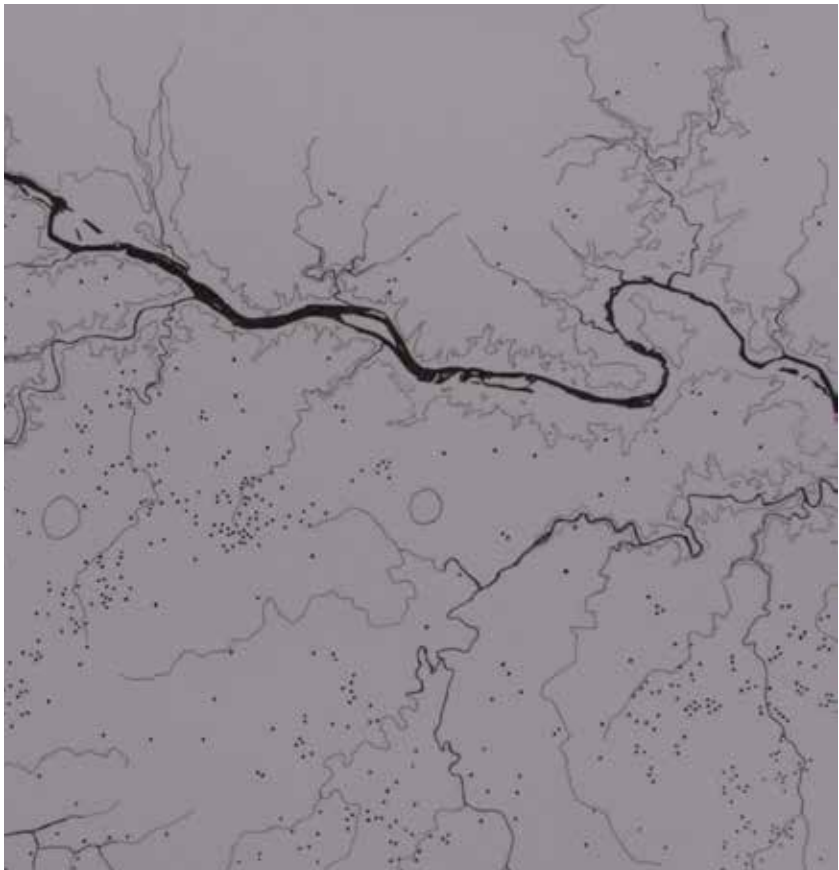
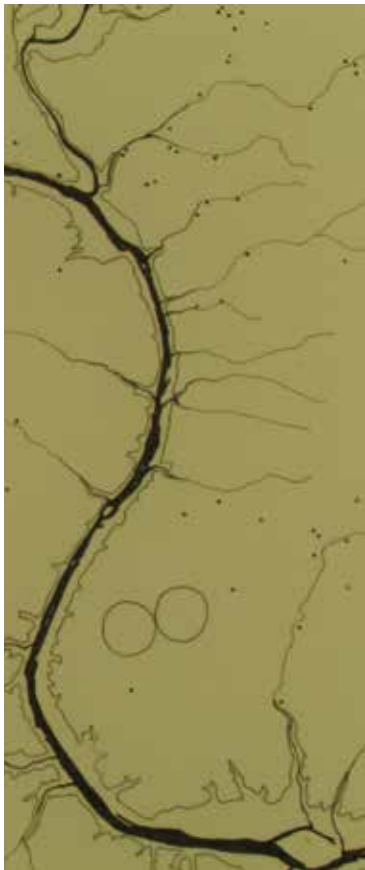
A exposição "Paisagem Resgatada" de Rita Catarino e Paulo Palma constituiu uma reflexão sobre o processo de transformação do território, levado a cabo pela construção da barragem do Alqueva. A exposição, que esteve patente no Museu da Aldeia da Luz, revisita o território inundado pelo plano de água, hoje obliterado da superfície.

Partindo da utilização de ferramentas tradicionais de mapeamento (levantamentos cadastrais, topónimos, perfis de terreno) e cartografia-base de interpretação do território (cartas militares, fotografia aérea), Rita Catarino e Paulo Palma reconfiguram-nas, transformando-as em instrumentos de Memória. Ao recorrer a processos de mapeamento canónicos de representação da paisagem, a exposição permite trazer ao de cima este território oculto, pondo em confronto o processo de simplificação da paisagem introduzido no momento de construção da barragem e o complexo processo de construção de uma paisagem com uma singularidade e um tempo próprios.

CATARINA RAPOSO

The "Recovered Landscape" exhibition by Rita Catarino and Paulo Palma was a reflection on the process of territorial transformation enacted by the construction of the Alqueva dam. The exhibit, held in the Aldeia da Luz Museum, revisits the territory flooded by the risen water level, now obliterated from the surface.

Starting from the use of traditional mapping tools (land registers, toponym, terrain profiles) and basic cartographic territorial interpretation (military charts, aerial photographs), Rita Catarino and Paulo Palma re-configure them, transforming them into Memory tools. By resorting to established landscape mapping and representation processes, the exhibit brings this hidden territory to the surface, confronting the process of simplifying the landscape through the act of building the dam against the complex process of building a landscape with its own particularity and time.

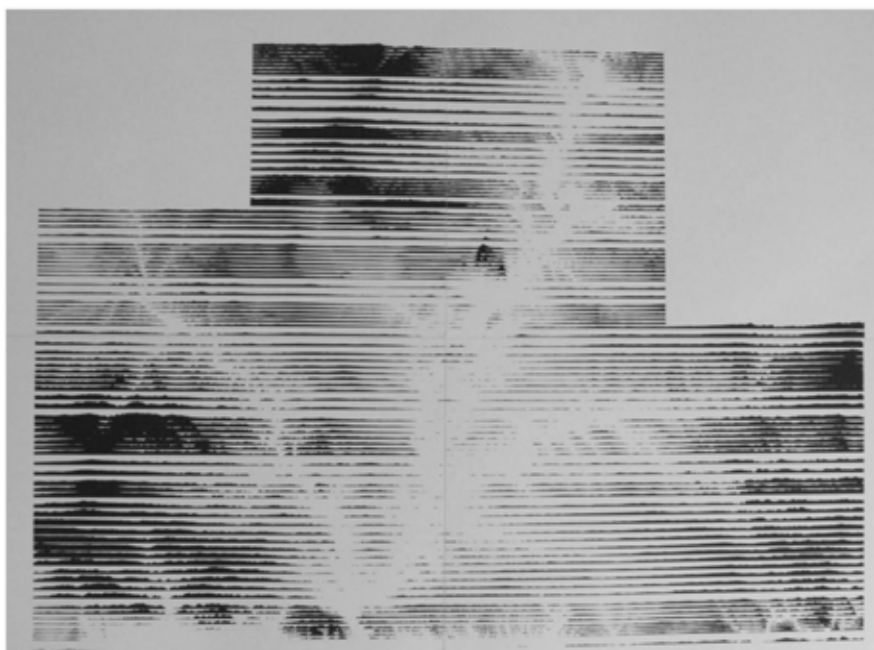


Estruturas Territoriais da Paisagem — estruturas da água, 2015 / Tinta da china sobre papel vegetal

/33



Cartas Militares com a Paisagem Submersa, 2015



Sequência Morfológica, 2015

/34



Parcelamento, tinta da china sobre papel vegetal (uma de um conjunto de cinco / 70 x 90 cms)



Paisagem Resgatada

/35



Documentação na exposição



Panoramas, 2015

A paisagem tem inscrita as histórias dos homens

The history of men is inscribed in the landscape

Sociedade Exploratória para a Interpretação da Paisagem

As comunidades humanas adaptam o ambiente onde vivem e dotam-no de condições que permitam suportar a persistência do homem. Quando produzimos o nosso *habitat* fazemo-lo com base em valores e ideais que sentimos como urgentes enquanto humanidade, comunidade, família ou indivíduo. Neste processo, é construída uma paisagem dinâmica e em permanente inconstância sujeita à manifestação das inquietações dos homens. Simultaneamente, a paisagem é um sistema de sinais passíveis de ser interpretados, e que contribuem para a redefinição da estrutura de valores que enquadram as nossas acções.

A paisagem, quer se assuma uma posição interventiva, conservadora ou de abandono, é aquilo que nós entendemos que deve ser, independentemente dos motores dessa transformação. Este actor ontológico da paisagem é um extenso reflexo do posicionamento dos homens perante o território - exhibe os valores, necessidades, urgências, emergências e caprichos das comunidades. A paisagem é uma manifestação da cultura dos povos que a transformam, e investigar a paisagem é perscrutar o âmago da cultura.

Ao mesmo tempo que é reveladora das histórias dos homens, a paisagem contribui para a configuração de identidades, colectivas e individuais. As interferências que produzimos na paisagem condicionam e transformam a realidade, mas, e em sequência, também a forma como experimentamos o espaço e o tempo que habitamos. A paisagem em que estamos inseridos modifica e molda a forma como reagimos, e, em última análise, define quem somos e que paisagem construímos.

A **Sociedade Exploratória para a Interpretação da Paisagem**, uma organização sem fins lucrativos, dedica-se a compreender estes fenómenos, através da paisagem que construímos e habitamos. A S.E.I.P. pretende tornar legível uma realidade que está na maioria das vezes obscura. Dessa maneira promove a redescoberta de nós mesmos, a compreensão de quais são os nossos valores existenciais e como os destacamos e manifestamos no território.

A S.E.I.P. surge da vontade de investigar e questionar a realidade em que vivemos, perguntar o porquê dos sinais da paisagem contemporânea, qualquer que seja a escala, qualquer que seja o contexto. E nesta averiguação contribuir para o conhecimento sobre o que é o território português, e para a divulgação de como este é percebido e transformado. A S.E.I.P. produz uma estrutura para o questionamento do habitat e para a construção de um conhecimento crítico sobre o território nacional.

A investigação da S.E.I.P. é o processo de interpretação dos signos sintomáticos da interferência do homem na superfície terrestre. Através da investigação, a S.E.I.P. elabora narrativas exploratórias de

Human communities adapt the environment where they live and provide it with the conditions to support humanity's sustenance. When we produce our habitat we do it based on values and ideals we feel are urgent as humanity, community, family or individual. During this process, a dynamic and permanently changing landscape is built, subjected to the expression of humanity's restlessness. Simultaneously, the landscape is a system of interpretable signs, contributing to the redefinition of the value structure that frames our actions.

Landscape, whether approached from an interventional, conservational or abandonment point of view, is what we believe it should be, independently of the engines of that change. This ontological factor of landscape is a broad reflection of humanity's stance on territory — it displays the values, needs, urgencies, emergencies, and whims of communities. Landscape is the cultural manifestation of the people that transform it and to investigate the landscape is to peer into the core of their culture.

Besides revealing the history of men, landscape contributes to the configuration of collective and individual identities. The interferences we produce in the landscape condition and transform reality, but, consequently, also the way we experience the space and time in which we live. The landscape in which we are inserted modifies and molds the way we react, and, ultimately, defines who we are and the landscape we build.

*The **Sociedade Exploratória para a Interpretação da Paisagem** (S.E.I.P.) [Exploratory Society for the Interpretation of Landscape], a non-profit organization, is dedicated to understanding these phenomena through the landscape we build and inhabit. S.E.I.P. intends to clarify a reality that is most of the time obscured. In this manner, it promotes the rediscovery of ourselves, the understanding of what our existential values are and how to represent and manifest them over the territory.*

S.E.I.P. stems from the desire to investigate and question the reality in which we live, to seek the cause of contemporary landscape's signs, whatever the scale, whatever the context. And with this research, contribute to the understanding of what the Portuguese territory is, to spreading the awareness of how it is perceived and transformed. S.E.I.P. creates a framework for questioning dwelling and the construction of critical knowledge regarding national territory.



ADUTOR DE CASTELO DE BODE
O Adutor de Castelo de Bode foi inaugurado em 1987. A última intervenção em 2007 garantiu a capacidade de transporte de 625.000m³/dia de água captada superficialmente da albufeira

CASTELO DE BODE PIPELINE
Castelo de Bode pipeline was inaugurated in 1987. The last intervention in 2007 ensured a water transport capacity of 625,000m³/day, captured directly from the reservoir's surface.



APROVEITAMENTO HIDROAGRÍCOLA DO VALE DO SORRAIA
O Aproveitamento Hidroagrícola do Vale do Sorraia entrou em funcionamento em 1938. Consiste num sistema de 5 barragens, 9 estações elevatórias, 113km de canais, 98km de distribuidores e 172km de valas de irrigação. Anualmente são regados, em média, quase 13mil hectares.

HYDRO-AGRICULTURAL EXPLORATION OF THE SORRAIA VALLEY
The Hydro-agricultural exploration of the Sorraia valley began in 1938. It consists of a system of 5 dams, 9 pumping stations, 113 km of channels, 98 km of distributors, and 172 km of irrigation ditches. An average of almost 13 thousand hectares is irrigated annually.

/37



SIFUCEL
Por detrás do Parque Industrial de Rio Maior ficam os 80 ha de extracção de areias siliciosas e a sede da Sifucel.

SIFUCEL
Behind the Rio Maior Industrial Park lie 80 ha for the extraction of silica sand and the headquarters of Sifucel.



**CENTRAIS
TERMOELÉTRICAS**
A Central Termoelectrica do Ribatejo, desactivada em 2010 e em fase de desmantelamento, utilizava fuelóleo e gás natural na produção de energia eléctrica. A Central do Carregado entrou em funcionamento faseadamente, em 2004 e 2005, a partir de gás natural.

THERMO-ELECTRIC PLANTS
The Ribatejo Thermo-electric plant, deactivated in 2010 and currently being dismantled, used fossil fuels and natural gas for the production of electrical energy. The Carregado plant began its activity in phases, over 2004 and 2005, using natural gas.



**PARQUE INDUSTRIAL
DA RAINHA**
Importantes entrepostos e empresas de retalho têm na Azambuja as suas principais plataformas distribuidoras da zona de Lisboa e centro.

RAINHA INDUSTRIAL PARK
Azambuja is home to important warehouses and retail businesses and their primary distribution platforms for Lisbon and the central region of the country.



**PARQUE LOGÍSTICO
LISBOA NORTE**
No arranque do PLLN do Carregado, em 2008, foi reconhecido o interesse público nacional. Em 2011, o travão do financiamento privado para a construção da plataforma de 100ha deixou-a apenas com os acessos e infraestruturas construídos.

**NORTH LISBON
LOGISTICS PARK**
The kick-off of the Carregado NLLP in 2008 was met with national public interest. In 2011, the halting of private funding for the construction of the 100 ha area resulted in the construction of only its access points and infrastructures.

(...) A paisagem é uma manifestação da cultura dos povos que a transformam e investigar a paisagem é perscrutar o âmago da cultura.

territórios e destringa significados. A metodologia de investigação da S.E.I.P. admite o levantamento, registo, arquivamento e produção de material fotográfico, cartográfico e textual. Estas formas de comunicação e registo são exploradas enquanto entidades autónomas do ponto de vista da linguagem, uma vez que estes são também veículos tradicionais de consolidação do conceito de paisagem. No entanto, é na investigação de narrativas antropogeomorfológicas, a partir desse arquivo, que a S.E.I.P. incita, pela recontextualização, o sujeito a contribuir para a reconfiguração dos seus conceitos.

A investigação da S.E.I.P. dispersa-se numa série 18 de programas, que poderão aumentar ou aglutinar-se com o tempo, cada qual aprofunda um tema preponderante na construção da paisagem nacional. A criação desta rede de Programas que permite sistematizar e organizar por narrativas os eixos de investigação da S.E.I.P.. Os Programas exploram, por exemplo, as paisagens dedicadas à produção, captação e distribuição de energia (Paisagens de Energia); ou os territórios sujeitos a manifestações de veneração esporádicas ou sistemáticas (Paisagens de Culto); os territórios de suporte à troca e consumo de mercadorias e a criação de resíduos (Paisagens de Consumo); os territórios desertificados, que foram sujeitos à perda de significado na cultura contemporânea (Paisagens de Abandono); os territórios ocupados e transformados pela economia do turismo (Paisagens de Turismo); ou as paisagens transformadas pelo homem a propósito de recursos provenientes do mar (Paisagens entre Terra e Mar). Um último programa prevê a investigação de dois ou mais temas circunscritos a uma unidade territorial (Programa Regional). O primeiro projecto da S.E.I.P., denominado "Paisagem Infraestrutural do Baixo Tejo", está inserido neste último programa e foi apresentado em Fevereiro no Museu Geológico de Lisboa. O projecto investigou os sistemas e os sintomas que estruturam o território e que servem de suporte para a produção da paisagem contemporânea do Baixo Tejo. O projecto de investigação explorou a lezíria ribatejana ao longo de três vectores: Sistema Hidrológico, Rede Infraestrutural e a Exploração de Recursos.

15 DE JULHO DE 2015
SOCIEDADE EXPLORATÓRIA PARA A INTERPRETAÇÃO DA PAISAGEM
WWW.SEIP.PT

(...) *Landscape is the cultural manifestation of the people that transform it and to investigate the landscape is to peer into the core of their culture.*

S.E.I.P.'s research is the process of interpreting the symptomatic signs of human interference on the earth's surface. Through this investigation, S.E.I.P. produces exploratory narratives on territories and extracts meaning. S.E.I.P.'s investigative methodology allows for the surveying, recording, archival, and production of photographic, cartographic, and text-based material. These recording and communication media are explored as autonomous entities from the linguistic point of view, since they are also traditional vehicles for consolidating the concept of landscape. However, it is through the investigation of anthropogeomorphological narratives from that archive, that S.E.I.P. encourages, through recontextualization, the subject to contribute to the reconfiguration of their concepts.

S.E.I.P.'s research is spread across a series of 18 programs, which may increase or merge over time, each of which explores a dominant theme in the construction of the national landscape. The creation of this network of Programs allows S.E.I.P. to systematize and organize its axes of investigation by narratives. The Programs explore, for example, landscapes dedicated to the production, capture and distribution of energy (Energy Landscapes); or the territories subject to the manifestations of systematic or occasional worship (Cult Landscapes); the territories that support the exchange and consumption of merchandise and creation of by-products (Consumption Landscapes); deserted territories, subjected to the loss of meaning in contemporary culture (Abandonment Landscapes); territories that were occupied and transformed by the tourism economy (Tourism Landscapes); or the landscapes transformed by humanity for the purpose of ocean-based resources (Landscapes between Land and Sea). One final program calls for the investigation of two or more themes specific to a territorial unit (Regional Program). S.E.I.P.'s first project, entitled "Infrastructural Landscape of Baixo Tejo", is part of that program and was presented in February at the Geological Museum of Lisbon. The project investigated the systems and symptoms that structure the territory and serve as a support for the production of the contemporary landscape of Baixo Tejo. The research project explored the marshlands of the Ribatejo area along three vectors: Hydrological System, Infrastructural Network, and Resource Exploration.

/39

JULY 15 2015
EXPLORATORY SOCIETY FOR THE
INTERPRETATION OF LANDSCAPE
WWW.SEIP.PT

Jane Hutton

É arquiteta paisagista e professora assistente no Departamento de Arquitetura Paisagista no Instituto Superior de Design de Harvard. É também Professora Diretora da Loeb Library Materials Collection e Co-diretora do centro de pesquisa para Energia, Ambiente e Design. O seu trabalho centra-se principalmente nas relações à volta da prática material da arquitetura paisagística, contemplando as ligações entre paisagens de produção e o consumo de materiais de construção comuns. Hutton é a fundadora da revista *Scapegoat: Architecture, Landscape, Political Economy*, e é coeditora das edições: 01 Service, 02 Materialism, e 06 Mexico D.F./NAFTA.

Jane Hutton is a landscape architect and Assistant Professor in the Department of Landscape Architecture at the Harvard Graduate School of Design. She is Faculty Director to the Loeb Library Materials Collection and Co-Director of the Energy, Environments, and Design research lab. Her work focuses on the extended relationships of material practice in landscape architecture, looking at links between the landscapes of production and consumption of common construction materials. Hutton is a founding editor of the journal Scapegoat: Architecture, Landscape, Political Economy,

Aurora Carapinha

Aurora Carapinha é arquiteta paisagista. É Professora a tempo inteiro na Universidade de Évora tendo como objeto de estudo principal o jardim e a paisagem portuguesa como legado da matriz Mediterrânica e da Teoria de Arquitetura Paisagística. É doutorada em Arquitetura pela Universidade do Porto. Concluiu o seu doutoramento em 1995 e desde então orientou seis teses de doutoramento (já concluídas), com mais seis em curso. Tem dado palestras e cursos em várias universidades internacionais. Foi coordenadora do departamento de Arquitetura Paisagística da Universidade de Évora, coordenadora do centro de pesquisa CHAIA e, de 2009 a 2013, foi Diretora Regional da Cultura do Alentejo.

Aurora Carapinha is a landscape architect. Full professor at the University of Évora and her mainstream object of research is Portuguese garden and landscape as a legacy of the Mediterranean Matrix and Theory of Landscape Architecture Professor of PHD of Architecture at University of Porto. Concluded her PhD in 1995 and since then has supervised 6 PhD thesis (concluded) and another 6 on-going. Has given lectures and short courses in many international universities. Has already been the coordinator of the Landscape Architecture department, the coordinator of the research center – CHAIA and for the past four years she was the director of Cultural Affairs Ministry for the South region of Portugal. Has co- coordinated the International Cycle of Seminars “Art of Gardens Books” (2012-

2013) and “An Ecology before Ecology” (2013-2014) and with other colleagues she has organized for the past four years the International Cycle of Seminars “Landscape and Heritage” (2011-2015). She is currently the coordinator of PhD programme on Landscape Architecture at the University of Évora and collaborates with New University of Lisbon at post-graduate course on Gardens and Landscapes. Lis consultor of Fundação Calouste Gulbenkian.

Teresa Alfaiate

Nasceu em Lisboa e formou-se em Arquitetura Paisagista – Licenciatura pela Universidade de Évora (1986) e Doutoramento pela Universidade Técnica de Lisboa, ISA (2001), com co-orientação pela Universidade Técnica de Berlim. É docente na Universidade de Lisboa – Assistente (1998-2001); Professora Auxiliar (2001-2015) leccionando e coordenando disciplinas de Projecto de Arquitetura Paisagista e Teoria da Arquitetura Paisagista. Participa em vários projectos de investigação desenvolvidos no âmbito do Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista Prof. Caldeira Cabral. Em 1993 funda gabinete próprio – Margem Arquitetura Paisagista, Lda - desenvolvendo regularmente projectos de Arquitetura Paisagista quer individualmente quer de forma interdisciplinar.

Teresa Alfaiate, was born in Lisbon and graduated in Landscape Architecture - Degree from the University of Évora (1986) and PhD from the Technical University of Lisbon, ISA (2001), with co-supervision by the Technical University of Berlin. She teaches at the University of Lisbon - Assistant (1998-2001); Assistant Professor (2001-2015) lecturing and coordinating disciplines of Landscape Architecture Design and Landscape Architecture Theory Participates in several research projects developed under The Landscape Architecture Centre of studies Prof. Caldeira Cabral. In 1993 founded her own office –Margem Arquitetura Paisagista, Lda - regularly developing projects of landscape architecture both individually as interdisciplinary.

Leonor Cheis

Leonor Cheis, Lisboa, 1968. Licenciatura e Mestrado em Arquitetura Paisagista pela Universidade de Évora. Trabalhou no Atelier Phusis, em Paris, sob coordenação de Christophe Girot. Desenvolveu em co-autoria com os Arqt^{os} Paisagistas João Gomes de Silva, Rosário Salema, Inês Norton e Arqt^o José Adrião o Projecto de Arborização e Jardins do Espaço Público e o Projecto dos Jardins Garcia de Orta. Entre 1996 e 1999 integrou o Departamento de Espaços Verdes da PARQUE EXPO'98, SA. Foi membro do júri dos concursos European 9, European 13 e Prémio Ibérico de Design Urbano. Desde 1999, é sócia-gerente do atelier NPK-Arquitectos Paisagistas Associados, trabalhando em co-autoria com José Veludo e José Lousan.

Leonor Cheis, Lisbon, 1968. Graduation and Master's Degree in Landscape Architecture at Universidade de Évora. She practiced at Atelier Phusis in Paris, coordinated by Christophe Girot. In 1995 she developed with João Gomes de Silva, Rosário Salema, Inês Norton de Matos and Architect José Adrião the Exhibitions Site Public Space Projects and Garcia de Orta Gardens Design Project in Expo '98, at the team coordinated by João Gomes da Silva. From 1996 to 1999 she joined the PARQUE EXPO '98 Landscape Department. Since 1999, she is managing partner at NPK- Arquitectos Paisagistas Associados, in partnership with José Veludo and José Lousan.

José Veludo

Nasceu em Leiria em 1968 e licenciou-se em Arquitetura Paisagista no Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa. Entre 1993 e 1995 desenvolveu atividade profissional nos projetos da Quinta da Penha Longa e Quinta Pátino, e no atelier ARPAS sob a coordenação do Arqt.^o Luís Cabral. Em 1996 incorpora o Núcleo de Assessoria Paisagística da PARQUE EXPO'98, para trabalhar no Projecto de Arborização e Áreas Plantadas do Espaço Público do plano de pormenor do PP1 e na integração dos projetos do espaço público dos restantes planos PP2, PP3 e PP5. Em 1997 ingressa no Departamento de Espaços Verdes da PARQUE EXPO'98, para desempenhar as funções de coordenação e gestão das empreitadas de execução de jardins do PP1 e Recinto da Exposição (PP2). Em 1999 funda com Leonor Cheis o atelier NPK - Arquitectos Paisagistas Associados, aos quais se associou em 2002 José Lousan. Desempenha as funções de coordenação e projetista principal em trabalhos de projeto, planeamento urbano e ordenamento da paisagem.

José Veludo, born in Leiria in 1968, graduated with a degree in Landscape Architecture from the Graduate School of Agronomy of Universidade Técnica in Lisbon. He worked on the Quinta da Penha Longa and Quinta Pátino projects between 1993 and 1995 as well as the ARPAS studio, overseen by Architect Luís Cabral. He established the Landscape Consultancy Center for the Expo '98 park in 1996 to work on the Arborization and Green Public Areas project according to the PP1 plan's details, also integrating the PP2, PP3, and PP5 public plans. He joined the Expo 98 park's Green Space Department in 1997, overseeing and managing the work for PP1 gardens and the expo venue (PP2). In 1999, together with Leonor Cheis he founded NPK - Associated Landscape Architects studio, joined also by José Lousan in 2002. There he oversees all projects, urban planning and landscape design as the lead designer.

João Nunes

Lisboa, 22.12.1960

Fundador e Director do Atelier de Arquitectura Paisagista PROAP, que reúne um vasto grupo de profissionais numa equipa pluridisciplinar com distintos níveis de especialização em paisagem, na sua aceção mais inclusiva. Enquanto Director Internacional é responsável pela liderança estratégica, executiva e tática dos três ateliers internacionais: Lisboa (Portugal), Luanda (Angola) e Treviso (Itália). Coordena a actividade projectual, conceptual e criativa, e define a orientação estratégica dos processos de investigação. Docente no Instituto Superior de Agronomia em Lisboa, desde 1991, ensina também como Visiting no Politecnico de Milão e Faculdade de Arquitectura de Alghero. É director do Master em Arquitectura Paisagista coordenado por ACMA-Milão e ETSAB-Barcelona. Desde 2014 é Professor Catedrático na Academia de Arquitectura de Mendrisio e Visiting Professor para o Fall Semester de 2015 no GSD de Harvard.

Lisbon, 22.12.1960.

Founder and CEO of the Landscape Architecture Studio PROAP, which gathers a vast group of professionals in a cross-disciplinary team, with distinguished levels of expertise in landscape, in its most inclusive conception. As International Director, he is responsible for the strategic, executive and tactic approach of the three international agencies: Lisbon (Portugal), Luanda (Angola and Treviso (Italy)). He develops PROAP's conceptual and creative design, leads project development and defines the strategic orientation of the research processes. He lectures at the Instituto Superior de Agronomia in Lisbon (Agronomics Institute, Technical University of Lisbon) since 1991, and also as Visiting at Politecnico di Milano, and Facoltà di Architettura di Alghero. He is Director of the Landscape Architecture Master coordinated by ACMA-Milano and ETSAB-Barcelona. Since 2014 he is Full Professor at Mendrisio Architecture Academy and Visiting Professor for the Fall Semester at the Harvard GSD.

Sociedade Exploratória para a Interpretação da Paisagem

A Sociedade Exploratória para a Interpretação da Paisagem, uma organização sem fins lucrativos criada no final de 2013, dedica-se a compreender o homem através da paisagem que constrói e habita. Investigando e expondo a relação entre o homem e o seu território, a S.E.I.P. torna legível uma realidade que está na maioria das vezes obscura. Desta maneira promove a redescoberta de nós mesmos, a compreensão de quais são as nossas urgências existenciais e como as destacamos e as apreendemos. A S.E.I.P. cria, assim, as condições para o questionamento do espaço e do tempo que habitamos e para a edificação de um conhecimento que permita, em consciência, ter uma espírito crítico sobre o território

nacional. A S.E.I.P. surge da vontade de investigar e questionar a realidade em que vivemos, perguntar o porquê dos sinais da paisagem contemporânea, independentemente da escala e do contexto, e divulgar como estes são percebidos e transformados. A Sociedade pretende construir uma imagem da paisagem mais complexa; alterar e aprofundar a percepção do observador convidando a participar e contribuir para a reconstrução da identidade de comunidades; produzir novas perspectivas sobre o habitar, alicerçadas num sincero entusiasmo sobre a nossa paisagem quotidiana.

Sociedade Exploratória para a Interpretação da Paisagem (or Exploratory Society for Landscape Interpretation), a non-profit organization created in late 2013, is dedicated to understanding Man through the landscape that he builds and inhabits. By studying and exposing the relationship between man and his territory, S.E.I.P. reveals a reality that is often obscure. In this way it allows us to rediscover of ourselves and to understand which are our existential emergencies and how we emphasize and grasp them. The S.E.I.P. thus creates the conditions for questioning the space and time in which we live and the production of a body of knowledge that allows us to have a critical assessment of the national territory. S.E.I.P. arises from the motivation to investigate and question the reality we live in by asking why we have a certain sign in the contemporary landscape, whichever the scale or context, and disclose how they are perceived and processed. The Society intends to explore a more complex image of the landscape; to change and deepen the viewer's perception as well as to summon him to participate and contribute to the reconstruction of the identity of communities; to produce new insights into dwelling, grounded in a sincere enthusiasm about our everyday landscape.

Paulo Palma (Serpa, 1977)

É licenciado em Arquitectura Paisagista, pelo Instituto Superior de Agronomia (ISA) em Lisboa e Mestre na mesma área disciplinar, pela Universidade de Évora (EU). Assistente convidada no ISA entre 2011 e 2015, leccionando com a Profª Arqª Paisagista Teresa Alfaite as unidades curriculares Projecto de Arquitectura Paisagista I e Projecto de Arquitectura Paisagista II. Tem desenvolvido estudos artísticos de investigação relacionados com a transformação do território de Portugal. Entre estes estudos destacam-se: O meu país é o que o mar não quer, permanência e transformação da costa Portuguesa; Paisagem resgatada, crónica sobre o desaparecimento do território do Alqueva, em parceria com o Museu da Luz/EDIA; actualmente desenvolve o projecto Morfologia da Reforma Agrária, em Parceria com o município de Montemor-o-Novo. Entre 2002 e 2014 colaborou com o atelier Margem, Arquitectura Paisagista, Lda.

Is a Landscape Architecture graduate from Instituto Superior de Agronomia (ISA) in Lisbon, receiving his PhD in the field from

Évora university (EU). Invited to serve as a teaching assistant at ISA between 2011 and 2015, he taught the Landscape Architecture Projects I and II classes together with fellow Architect Professor Teresa Alfaite. His research and investigation have dealt with the transformation of Portuguese territory. Highlighted among these: My Country is The Land The Ocean Doesn't Want, Permanence and Transformation of The Portuguese Coast; "Paisagem Resgatada", a record of the Alqueva territory's disappearance, in partnership with Museu da Luz/EDIA. He is currently partnered with the Montemor-o-Novo municipality for the development of its "Morfologia da Reforma Agraria" project. He collaborated with the landscape architecture studio Margem, Arquitectura Paisagista, Lda. between 2002 and 2014.

Rita Catarino (Serpa, 1984)

Arquiteta pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa e Bauhaus Universität em Weimar, tem também formação em Ilustração pela CIEAM da Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Em 2009 foi co fundadora da Oficina de Arquitectura Latitudes, com o objectivo pedagógico de levar a arquitectura às crianças. As oficinas passaram no Programa Nacional de Literacias e Literatura de 2013/14, nas várias edições do Arquitecturas Film Festival, na rede Municipal de Bibliotecas de Lisboa e vários Museus e escolas Primárias e Básicas do país. Das oficinas resultaram revistas, livros e brinquedos arquitectónicos. Tem desenvolvido estudos artísticos de investigação da paisagem e arquitectura. Entre eles "Paisagem Resgatada, Crónicas do Desaparecimento do Território da Albufeira do Alqueva" em colaboração com o Museu d Luz e "Morfologia da Reforma Agraria" em colaboração com o Município de Montemor-o-Novo e Oficinas do Convento.

An Architect educated at the Faculdade de Arquitectura de Lisboa and Weimar's Bauhaus Universität, she is also trained as an illustrator by CIEAM at the Faculdade de Belas Artes in Lisbon. She co-founded the Latitudes architecture workshop in 2009 to provide children with educational exposure to architecture. These workshops were a part the National Literacy and Literature Program of 2013/14, various iterations of the Arquitecturas Film Festival, and the municipal network of Lisbon libraries, held also at various museums and primary and middle schools across the country. Magazines, books, and architectural toys have been developed from these. She is also engaged in studies and research around landscape and architecture. Among them are "Paisagem Resgatada, Crónicas do Desaparecimento do Território da Albufeira do Alqueva", in collaboration with the Museu da Luz, and "Morfologia da Reforma Agraria" together with the Montemor-o-Novo municipality and Oficinas do Convento.



arquitetura paisagista

Edições anteriores disponíveis na APAP

Download das revistas disponível no site da APAP



Convenção Europeia da Paisagem

NOVEMBRO 2010 A MAIO 2011

COLABORARAM NESTE NÚMERO

AURORA CARAPINHA / ALEXANDRE CANCELA D'ABREU E ALEXANDRE CANCELA D'ABREU / ÁLVARO MANSO / FRANCISCO AVILIZ / JOÃO NUNES / ROSÁRIO OLIVEIRA / ENTREVISTA A VÍCTOR CAMPOS (POR ROSÁRIO SALEMA E LUIS CABRAL) E PORTFOLIO DE ÁLVARO MANSO



Lisboa

JUNHO A DEZEMBRO 2011

COLABORARAM NESTE NÚMERO

MARGARIDA CANCELA D'ABREU / TERESA ALFAITE / GALOPIM DE CARVALHO / JOÃO TIAGO CARAPAU / MANUELA RAPOSO MAGALHÃES / ALEXANDRE CANCELA D'ABREU / GONÇALO RIBEIRO TELLES / CATARINA RAPOSO / FILIPE BRANDÃO / NUNO LOURENÇO / MÁRIO J. ALVES / JOÃO SEIXAS / JORGE BONITO E PORTFOLIO DE ANTÓNIO JORGE GONÇALVES



Paisagens Produtivas

JANEIRO A MAIO 2012

COLABORARAM NESTE NÚMERO

ANA CATITA / ARMANDO NEVES FERREIRA / CATARINA RAPOSO / CLÁUDIA TABORDA / PARATELIER / GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS / JOÃO MANUEL BERNARDO / GLOBAL — ARQUITECTURA PAISAGISTA / LUÍS DURÃO / MARIA DA GRAÇA AMARAL NETO SARAIVA / PAULA GOMES DA SILVA / ENTREVISTA A JOÃO GOMES DA SILVA (POR ROSÁRIO SALEMA E LUIS CABRAL) E PORTFOLIO DE RITA GOUVEIA



Paisagem e Lei

OUTUBRO 2012

COLABORARAM NESTE NÚMERO

ANA CATARINA ANTUNES / HELENA DE LIMA CLUNY / INÊS DE SOUSA ALVES / VÍCTOR BEIRAMAR DINIZ / JORGE CARVALHO / MARGARIDA CANCELA D'ABREU / TERESA ANDRESEN / ENTREVISTA A AUGUSTO MATEUS (POR ROSÁRIO SALEMA E LUIS CABRAL)



Futuro

SETEMBRO 2013

COLABORARAM NESTE NÚMERO

DANIEL MONTEIRO / DIOGO TEIXEIRA / FILOMENA SILVANO / JORGE CANCELA / JOSÉ ADRIÃO / JOSÉ LOUSAN / JOSÉ VELUDO / MARTI FRANCH BATLLORI / LEONOR CHEIS DE SOUSA / LUIS GUEDES DE CARVALHO / ROGÉRIO GONÇALVES / TON ARDEVOL FERNANDEZ